CINCO MIL FRANCOS POR MÊS

REINALDO FERREIRA

REYNALDO FERREIRA

CINCO MIL FRANCOS POR MÊS

CINCO MIL FRANCOS POR MÊS

REYNALDO FERREIRA

CINCO MIL FRANCOS POR MÊS

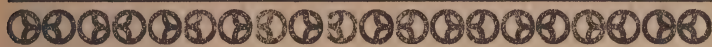
NOVELA

CAPA DE JORGE BARRADAS

Edição
da Empresa DIARIO DE NOTICIAS
LISBOA

AOS HEROICOS LEGIONARIOS PORTUGUESES DA TENTAÇÃO DE PARIS;
AOS VENCIDOS QUE VIVEM, AOS VICTORIOSOS QUE MORRERAM,
A TODOS QUE FIZERAM DA TORRE EIFFEL, FAROL DA ALEXANDRIA,

REYNALDO FERREIRA.

I

Jorge Anselmo, como se aquela seta de sol, disparada pela frincha da janela, fosse um ferro em braza a queimar-lhe as palpebras, soergueu-se no leito, atontado e de sobr'olho franzido. Os seus dedos, num gesto instintivo, tatearam o tampo de marmore da mesa de cabeceira. Mas a ausencia da rítmica palpitação do relogio, reconduzindo-o á realidade, fê-lo recordar a sua visita, na manhã anterior, á sucursal do Monte-Pio, onde empenhara o unico fiscal que a sua existencia boemia e livre conhecera.

E sorriu-se. Era verdade. Na vespera «comera o relogio» sob o disfarce de queijo *Gruyère* e *mortadela*. Talvez por isso mesmo, terminada há muito a digestão daquelas peças cronometricas, ele sentia as entranhas vazias *a dar horas*, horas dolorosas, horas pressagiando a fome.

Afundou as mãos na guedelha despenteada e, saltando para o oleado, foi espreitar a rua. Vista assim, a olho-de-passaro, do altissimo camarote da sua ja-

nela de quarto andar, a rua Montmartre dava a impressão dum estreito desfiladeiro comprimindo uma larga caravana, caravana moderna com muitos autos, muitos *camions* e muitas bicicletas. Em frente, pelas janelas escancaradas do «Fantasio» viu os creados do *cabaret* atarefados, apagando os vestigios da orgia, terminada já de manhã. As vassouras acumulavam no centro das salas ondas policromas de serpentinas e de *confetti*. Áquela mesma hora, a rua que Jorge habitava em Lisbôa, para as bandas do Gomes Freire, devia estar deserta, com as colchas dependuradas pelas sacadas e cabeças com papelotes das burguezinhas bisbilhotando por detraz das persianas.

Mas aquele sorriso optimista com que Jorge contemplara a epilepsia precoce de Paris e com que evocara a calma provinciana de Lisboa, apagou-se de subito, como que tocado por uma esponja de agua gelada. Um nome perpassou-lhe, ameaçador, pelos lábios:

— E Madame Dorient?

Devia ser tarde, muito tarde. Consultou o relogio do «Fantasio» e empalideceu, acovardado. Dez horas!

— Hoje não escapo!

Para que lhe servira tanta prudencia? Para que lhe servira o sacrificio de sono, durante quinze dias em que ele fora deitar-se, depois da porta do hotel se fechar e abandonara invariavelmente a tepida caricia dos lençoes, ás primeiras claridades da manhã? A culpa era daquela pepita de primavera, doirando inesperadamente o inverno, que tinha sido ríspido e branco de neve. Comprometera-o; enganara-lhe os nervos; oferecera-lhe uma paz a que não tinha direito.

O temor de chocar-se com a proprietaria do hotel mal o deixara dormir naquelas duas semanas. Desde

as quatro da madrugada que o seu sono era picado de sacudidelas nervosas, obrigando-o constantemente a ver as horas — quando tinha ainda aquele «coração de ouro», herdado do avô, que o ía informando, num *tic-tac* alegre, da rodagem do tempo. E mal os ponteiros se sobrepunham nas seis e meia, ele, já de pé, como nas pressas duma partida de comboio, evadia-se do hotel, parecendo um criminoso espiado de perto pela policia. O genio de Madame Dorient, não era positivamente para graças. Senhora duma corpulencia de lutadora de feira, artificialmente atenciosa e servil para os que pagavam em dia — dispunha dum reportorio inesgotavel de processos para obrigar a pagar os que se atrazavam em contas. Havia mais dum mês que, com subterfurgios e esquivanças, deixava crescer os algarismos no seu debito. Devia muito mais de mil francos e uma divida de tantos francos para Madame Dorient representava um *roubo*, um roubo contra o qual toda a policia de Paris era pouca.

Ah! Paris! Esse Paris dos bilhetes postaes, das evocações romanticas, das peças de teatro e dos films de cinema! Quando ele fizera da Torre Eiffel o farol d'Alexandria das suas ambições de moço e de artista — jamais supozera o calvario que seria a sua excursão! Quanto mais não valia a perfeição integra dos seus sonhos, no morfinismo das palestras e dos projectos — do que aquela realidade inquisitorial, aquele suplicio de Tantalo — afundado, como estava, nos subterraneos da miseria e sem atingir a capital tal como a fantasiara; sem conseguir mergulhar em Paris como numa piscina de agua tepida e cheia de luz.

Procurando fazer o menor ruido, lavou-se e bar-

beou-se; mas ao estacar frente á porta, para sair, de novo a covardia o amoleceu.

A rumena do quarto ao lado — a que esperneava danças infernaes nas *Gaités des Batignolles*, berrava, com voz suspeita, o eterno *Si tu vois ma tante*. De tempos a tempos, ouvia-se passos pelo corredor: grupos de hospedes falando hespanhol, inglês ou italiano. E o criado? Se o surpreendesse? Se estivesse agachado num dos muitos esconsos do andar, pronto a saltar-lhe e a buzinar-lhe um escandalo?

Prisioneiro não podia ficar; e a visão da rua, da rua, onde não havia nem criados refilões nem Mesdames Dorient ameaçadoras, animou-o e injectou-lhe energia. Inchou o torax, recuou uns passos — e, decidido, abriu a porta. Antes de avançar circunvagou a vista. Ninguem! Bom... Abotoou a *gabardine* e afectando um grande ar despreocupado, encaminhou-se para a escada de caracol.

Até ao primeiro andar o inimigo deixara-o em paz. Antes porem de iniciar o ultimo lance, espreitou para o *hall*. Havia agrupamentos de viajantes recem-chegados; balburdias de moços, piramides de malas estampilhadas com etiquetas de todos os hoteis do mundo — mas a secretaria onde a hoteleira, como dum pulpito, costumava vigiar a entrada e saída dos hospedes, estava abandonada.

Quasi emocionado, Jorge apressou o passo, calculando já a distancia a curva que devia fazer para alcançar a porta sem se aproximar da caixa de cristal dos escritorios. Os turistas reunidos no vestibulo eram todos inglêses: mulheres pernaltas, velhas cegonhas de *kodak* a tiracolo; velhos de face rubra e oculos de aro de tartaruga. E a florir encantos, no meio de tanta fealdade, havia uma *missesinha* esguia de ar ofeliano e faces palidas. Os olhos negros e impertinentes de Jorge pareciam atraír as pupilas cla-

ras e sonhadoras da mocinha. Com aquela imaginativa doentia, que tantos desgostos lhe dera já, Jorge ante-viu num relance, uma romantica aventura, com passeatas por lagos azues e um remate novelesco, nalgum velho castelo da Escocia. Corrigiu o nó da gravata e quando procurava, no bolso do colete, o disco de cristal do monoculo, do monoculo que tanto o auxiliara no donjuanismo dos *boulevards*, — uma voz aspera o despertou, chicoteando-o:

— *Alors... Monsieur Anselmo?*

Voltou-se. Hirta como um *gendarme*, tremenda como um verdugo, Madame Dorient, disparada por qualquer alçapão invisivel, surgira a seu lado. De oculos levantados para a testa, dava a impressão horrivel de o estar fulminando com quatro olhos.

— Todos os dias pregunto por si — e o senhor esquiva-se a procurar-me! E do seu primo, do tal milionário da America, nada! Tambem me saiu um patife respeitavel! De hoje não passa! Ou liquida a sua conta até ás cinco — a sua e a do seu *riquissimo* parente ou quando vier deitar-se não encontra a chave. A minha casa não é asilo! Ouviu?

Uma reviravolta militar e ei-la, metamorfaseada por completo, sorrindo gentilmente a um velho britanico, chefe da tríbu, pela certa, e que tinha ar de quem não se atraza nas contas...

Um arrepio de frio arranhou o dôrso de Jorge. Não era a perspectiva de dormitar pelos bancos e pelos degraus do «metro» que o angustiava naquele instante: era a inglesa... era a *missesinha* de rosto de Ofélia, frente á qual ele já se pavoneava, construindo mil quimeras amorosas.

E a *miss* sorria-lhe!... Teria ela compreendido o que a hoteleira lhe dissera? Não teve Jorge coragem de o investigar. Cabisbaixo e vexado, abandonou o hotel.

Cá fora, a multidão apressada, uniforme, cega, desenroscava-se sobre os passeios, como um corpo unico, uma serpente cuja cabeça, olhos e cerebro deviam estar muito longe dali. Silvavam os apitos, passavam autos buzinando; e a atmosfera parecia impregnada de gazolina, — duma gazolina que é o perfume plebeu dé Paris.

Na embocadura das ruas, os policias, de *cassetete* no ar, pareciam maestros de um *jazz-band,* regendo aquela sinfonia diabólica de buzinas, apitos e motores.

Mas, como se uma droga misteriosa tivesse semeado optismo nas veias de Jorge, o contacto da rua, da civilização emblocada fizera esquecer-lhe os enxovalhos e ilusões perdidas e as ameaças do futuro. Naquele embate, só havia no seu espirito a certeza de que pisava o solo de Paris; de que era Paris quem o assaltava; que era de Paris aquele ar subtil e venenoso que lhe enchia os pulmões. E, como rezultado imediato, a fantasia erguera, frente aos seus olhos, o tablado das suas ambições, tablado onde bailavam agora utopias sem numero e sem nome, vitorias de artista, triunfos de amor, confortos de milionario...

E assim, sonhando sempre, dobrou a esquina da rua Montmartre; e ía iniciar o passeio inevitavel dos *bouvelards,* quando, ao longe, como num frizo cromolitografico, trez *midinettes* de braço dado, surdiram da Galeria Geoffroy. Jorge recuou, e numa correria assustada foi refugiar-se no primeiro portal que encontrou:

— Yvonne! Pobre Yvonne! Que pensará ela de mim?

E depois, tristemente, numa tristeza onde palpitava uma pontinha de vaidade, pensou:

— Se não me engano, levava os olhos vermelhos de chorar!

II

Encolhido no portal, como num refugio, Jorge Anselmo bem sentia que essa manhã de sol amarelento o estava injectando duma acalmia suave, que é a recordação das horas de ventura — nas horas amargas do infortunio. O *brou-ha-ha* da rua de Montmartre, a chilreada das *midinettes* que corriam para os *ateliers*, mastigando ainda o *croissant* do *bar* da esquina, ía-o isolando, fechando-o numa ampola de cristal azul... Fôra assim, num encontro de *boulevard*, que conhecera Yvonne — ao terceiro dia de Paris.

Paris! E de novo saltava a distancia e fugia com o pensamento para o aquarium do Martinho, o seu café de Lisboa, como se recuasse ante um quadro, para melhor englobar na retina os efeitos da côr e do desenho. O Paris que ele imaginara, na evocação das palestras, na ficção dos postaes — o Paris que devia ser a ponte unica que o conduzisse á Gloria e á Riqueza — não o acolhera, não o deixara integrar-se na sua vida.

A curtissima carreira artistica de Jorge tinha sido, desde o inicio, uma suave estrada sem curvas bruscas e sem barrancos a galgar. Apenas saído da escola, o seu feitio alardeante, o seu falso cosmopolitismo, a citação frequente de grandes colaborações nas revistas estrangeiras, as suas fantasias em voz alta sobre os compradores judeus de Londres que o exploravam, comprando a preços de cigano as suas aguarelas e as suas *mulheres* onde ele adivinhara rostos que nunca beijara e corpos que nunca possuira — tinham emaranhado á sua volta teias de lenda. E vivia uma existencia calma, numa pensão do

Gomes Freire, com orgias semanaes pelos *clubs* e uma aventura anual com uma coupletista espanhola do Foz.

Mas isso era pouco. Auto-convencera-se tanto das proprias basofias — que, mesmo a realizá-las não dispunha de emoção para as saborear. Queria mais. Queria Paris; queria o premio do *Salon;* queria uma vila em *Neuilly* e um *Citroën* para vir á cidade caçar modelos para as suas telas; convite nas *avant-prémieres* e um elenco de variadas nacionalidades para o seu harem. E que facil seria, para o seu optimismo impregnado de opio, conquistar o sol ambicionado! Bastaria invadir Babilonia, — chegar a Paris. Mas Paris ficava longe e as vendas dos seus quadros e dos seus cromos, feitos avulso, não lhe permitiam amealhar o capital para a viagem.

O grande dia chegou. Deus deixara caír, nas mãos de Jorge, por generoso milagre, a chave diamantina do seu paraizo. Fôra uma brazileira amulatada, em cura de clima para as bandas da Avenida da República, quem o encarregara do retrato. E como ele, na pressa de receber o dinheiro, não carregasse muito nas tintas escuras e maquilhasse na tela o rosto da retratada, com uma palidez rosada de saxonia, a brazileira pagara-lhe generosamente a mentira lisongeira. Ao sentir na palma da mão as oito notas de conto — Jorge, antes de agradecer, atontado pela surpreza — pronunciou uma palavra que era a absessão da sua fantasia inquieta:

— Paris!

E correu logo ao passaporte, á *Cook*, untando com dinheiro as demoras burocraticas. Dir-se-hia que sobre ele pesava uma data fixa para estar em Paris. Parecia temer que Paris se sumisse do mapa, antes de ele desembocar nos *boulevards*. E já lá iam três meses!

Três meses! E que fizera? Que batalha travara para a conquista da Fama, do Ouro, da Gloria? Nada. Não déra um passo; não se infiltrara, não tentara sequer conhecer os segredos do profissionalismo da cidade. Desconhecia compradores; desconhecia formulas de trabalho. As primeiras semanas tinham sido de embriaguez. Bebera Paris, em grandes haustos de encantamento. Os olhos sequiosos doíam-lhe de tanto ver. O coração, que fôra sadio, garantido como um *Longines*, perdera o ritmo; e adeantara-se, á fôrça de se emocionar.

E as notas uma a uma, como o papel em branco das *bobines*, ao ser engulido pela voracidade das máquinas rotativas, tinham ido desaparecendo, numa vertigem. Divertira-se; desengonçara-se em todas as danças; amára todas as mulheres belas ao alcance das suas garras voluptuosas... E agora? Queimado todo o capital, cortada a retirada para Lisboa, sem amigos, paralizado pelo orgulho, que, mais que orgulho, era prosapia e altivez — cercado pelas proprias mentiras que infantilmente semeara á sua volta, impossibilitado de resistir, encontrava-se, frente a frente, com o espantalho da miseria — da miseria completa, da miseria do não comer, da miseria do não dormir.

E ela? Yvonne?

De todas as visões que o encomodavam ao voltar á realidade — a mais angustiosa era sem duvida, a de Yvonne. E era-o porque bem sentia que velocidades opostas os levavam para dois extremos da vida...

A ideia de perder Yvonne, de nunca mais ser acariciado pelo seu olhar submisso e rendido, de não se sentir instalado no coração daquela garota de dezoito anos, que a vida fizera mulher e blindara para todos os assaltos do amor; e que a sua mentira raptara e vencera — era, naquele momento, mais dolorosa do

que a fome; mais humilhante do que a sua vagabundagem, sem této nem refugio.

Contudo Yvonne tinha sido a heroína menos bela e mais modesta, de todo o donjuanismo de Paris. Conhecera-a no dia de Santa Catarina — a festa das *midinettes* parisienses. Calaram-se, nesse dia, as orquestrações das *Singers;* escancaravam-se as portas dos *atelieres;* da colina de Montmartre, dos avenidas aristocráticas da *Étoile,* descera o cortejo das moças peregrinas do Amor, alvoroçando com a sua algazarra alegre os *boulevards,* trazendo nos labios carminados um coração de carta de jogar, fartas da penitenciária dos *modistas.*

Em filas cerradas, o exercito buliçoso traquinava pela cidade, desdobrando ante a curiosidade gulosa das multidões cosmopolitas, o frizo dos seus rostos maquilhados e sensuaes. Dir-se-hia que naquela festa quasi pagã, quasi casta, — os moditas, os patrões, da Rua da Paz, da Praça Vendome, dos Campos Elisios, tinham ido arrancar ás andorinhas as almas de arminho, para rechear as bonecas *coquettes* das montras. E elas eram bonecas de cera, com alma de andorinhas, que numa revolta, tinham estilhaçado os cristaes das *vitrines* para passear livremente pela capital da luz. E a doce Santa Catarina, do alto do seu nicho, parecia sorrir ao desfile das parisienses como prometendo-lhes a sua intervenção lá no ceu, quando os pudicos juizes do Tribunal de Deus lhes pedissem contas daquele alarido e daqueles beijos, soltados á tôa, prodigalisados ás cegas, que constituem o bôdo de Amor das costureiras de Paris, no seu dia de liberdade.

Jorge Anselmo saíra tarde do hotel, naquela manhã de Santa Catarina.

Na vespera, descera a um *caveau* elegante da Rua Pigalle — e da noitada restava-lhe apenas a espuma arrendada do champagne, a borbulhar-lhe nas pupilas, a não deixá-lo ver com nitidez o que se passava á sua volta. Ao dar-se conta da invasão das *midinettes,* ao vê-las passar de cabeleiras doiradas, encafuadas em chapeus de fantasia; ao perceber que bastava um sorriso para conquistar os labios frescos e saborosos das mais belas, esfregou os olhos, aprumou-se e predispôs-se á glutonaria daquele banquete de beijos sortidos e de caricias variadas.

No espaço duma hora, mais de vinte *midinettes,* enlaçadas pela cintura, tinham depositado na bôca, insaciavel de Jorge o seu tributo ás festas de Santa Catarina. Naquele mesmo local, no Boulevard dos Italianos, frente á galeria de Geoffroy, fez estacar um grupo de três peregrinas. Iam de braço dado, entoando uma canção de Montmartre. A do meio franziu o sobr'olho loiro e puchando pelas amigas, tentou esquivar-se ao assalto do pintor. Mas Jorge, excitado, não desistiu; e correndo, numa perseguição felina, esquecido das atitudes e do monóculo, fechou a cintura da *midinette* no anel dos braços, como um estrangulador apertando o pescoço da vitima e sugou-lhe um beijo, um beijo-ventosa, um beijo que era uma dentada dos labios. E tê-lo hia eternizado, tão dôce lhe parecera, se de subito a mão da *midinette,* agil e nervosa, lhe não fizesse estralejar na face a mais ruidosa e teatral das bofetadas. Sacudido pelo choque e pela surpreza, Jorge soltou a vitima, lambendo os labios, na inconsciencia da sua guloseima. O monoculo caíra e quebrara-se, tilitando sobre o asfalto; e tão papalvo ficou, aparafuzado ao chão, a fita-la, sem censura, como que a pedir outra bofetada

desfez numa gargalhada, que parecia uma vibração de cascaveis de cristal...

III

Naquele mesmo dia de Santa Catarina, á hora em que o sol, sempre oculto pelas altissimas muralhas da casaria, é absorvido pelo horizonte, como uma mancha de tinta vermelha por um mata-borrão imenso, Jorge Alselmo, sem apetite para o jantar, pavoneava-se, num lento vai-vem pela Rua da Paz, esquecido de tudo — até de Paris. A visão da *midinette*, que o esbofeteara, o seu rosto bi-colorido de cromo — o azul inverosimil dos olhos de porcelana; as rosas das faces, o triangulo classico da sua cabeça de boneca — tinha-se-lhe fixado no espirito como num *cliché*.

À medida que as ruas se descongestionavam e os policias da circulação embainhavam os *casse-têtes*, como generaes embainhando as espadas gloriosas após a batalha — mais facil se tornava para o pintor recrutar uma companhia amavel para a refeição nocturna: as ultimas empregadas passavam, tacoando com leveza o asfalto em direcção aos lares distantes, empoleirados lá em cima, em Montmartre, ou instalados para além das barreiras; outras, nas esquinas, rondavam os candieiros ou as estações do «metro», consultando o relogio de pulso, inquietas pela demora do namorado do dia que as tinha convidado para jantar e que, possivelmente, lhe daria o humilhante *lapin*. Era — Jorge bem o sabia — a hora das *pechinchas* galantes, das aventuras faceis,

romanticas e quasi castas, terminadas no idilio dum *taxi* fechado que os conduzisse a casa, antes da madrugada, para não encolerizar a mamã ou a porteira. Mas... Jorge olhava-as, vi-as sorrir, sonhadoras e fracas de estomago — e reviravolteava, desinteressado, com a ideia fixa *daquela*, da que lhe parecera um pudor a vencer, da que podia oferecer-lhe resistencia, dificuldades, desgostos.

De subito, quando Paris parecia fechar-se numa ampola lilaz, quando dos *restaurants* saíam os primeiros casaes, já jantados, cochichando ternuras de bôa digestão — Jorge viu lá em baixo, atravessando a Rua de Rivoli, uma figurinha tão veloz e tão leve que dir-se-hia rodar sobre patins, pelo passeio humido.

Era ela?

E o coração de Jorge vibrou, numa perturbação de primeira aventura, de primeiro beijo, de primeiro sonho. Parecera-lhe... Mas não! Não podia ser. Em Paris, nesse vasto oceano humano em tempestade eterna, em que as vidas rolam e desaparecem no insondavel, inverosimil seria surgir, ao alcance dos seus olhos cubiçosos, aquela que ambicionava com obstinação de enamorado.

E sorria-se de si proprio, troçando da sua fantasia; chamando-se louco; mas continuava a agitar-se como o pardal prisioneiro. E os seus passos, cada vez mais acelerados, dirigiam-no, pela linha mais recta ao local onde fulgurára, efemera, a visão, verdadeira ou falsa, da *midinette* que o tinha sovado publicamente, poucas horas antes.

Saiu á Rua de Rivoli. Ao fundo, na embocadura da Praça da Concordia, desagregando-se da multidão do passeio, como que retirada pela mão de Deus para que Jorge a podesse destacar — a mesma figurinha gentil, com o barrete de *papel* de Santa Catarina, avançava para a estação do Metropolitano. A noite

pintava tudo de azul, do azul sujo das noites de Paris, onde cinco milhões de halos criam uma neblina densa e opaca. Por um ironico capricho da sua retina — distinguia, até ao detalhe, a linha graciosa do seu corpinho de boneca; o corte do seu trajo; a fantasia do seu chapeu pagão. Mas quando os olhos a prescrutavam, febris, e tentavam reconhecer o rosto — aquele rosto que se fixara nos seus nervos e no seu cerebro — a neblina adensava-se mais e envolvia a cabeça da *midinette*, como um veu mussulmano, guardando o segredo de beleza da favorita dum pachá.

Ela desapareceu pela porta da gare; e ele, correndo, zig-zagueando por entre as fileiras dos autos, perseguido pelos insultos dos *chauffeurs*, sob mil ameaças de ser atropelado, foi-lhe na piugada. Ao chegar á plataforma da venda dos bilhetes—abichou-se frente ao *guichet*. Lá estava ela: — era das primeiras — mas de costas voltadas para Jorge. Compraram os *tickets;* encontraram-se na escada que conduzia ao labirinto dos corredores subterraneos do *Nord-Sud* e do *Métro*. E Jorge, tomando-lhe o passo, descobriu-se num cumprimento à D'Artagnan. E suspirou, alvoraçado. *Ela*... era *ela*.

Os seus olhos, numa mistura de timidez e de impertinencia, atraíram-na, obrigaram-na a levantar o rosto e a contemplá-lo tambem. E, ao reconhece-lo, as rosas palidas da sua face coloriram-se mais, avermelharam-se num rubor que tanto podia ser de emoção, como de surpreza ou de colera! Mas cólera não era — porque um sorriso cheio de luz e de mel veio socegar a sôfrega incerteza do pintor.

— Tem graça! murmurou a *midinette*, como se para si propria falasse.

— Acha? disse Jorge, gaguejando como um colegial.

— De certo. Um encontro assim... no mesmo dia,

não é vulgar em Paris. Foi um capricho do acaso.

— Não foi o acaso! afirmou o português, já mais firme.

— Ah! Não?

— Não! Tenho-a seguido todo o dia, por toda a parte.

Esta confissão perturbou a *midinette*. Diminuiu o passo, apagou o sorriso e franzindo o sobre-olho loiro, sussurrou, numa duvida do seu amor próprio lisongeado:

— Ah, sim?

— Juro-lhe...

— Porquê?

— Porque se as mãos, quando se zangam e esbofeteiam, deixam tão dôce impressão — ao acariciarem com ternura e com amor, devem ser como asas de anjo que...

A *midinette* sacudiu os cascaveis duma gargalhada — gêmea daquela que tanto impressionara Jorge, poucas horas antes; e ele, sentindo-se ridículo com a sua denguice de çaixeiro endomingado, rectificou:

— Em suma: a sua bofetada deixou-me encantado!

— Doeu-lhe muito?

— Pelo contrario!

— Quer outra?

— Se faz muito empenho...

Havia nesta fraze, um tom de tão sincera resignação, que a *midinette*, soltando um minusculo *oh!* admirativo e credulo, aproximou-se mais do pintor. E assim se encaminharam para o segundo lance da escadaria:

— O senhor não é parisiense...

— Não. Sou português.

— Mas vive em Paris?

— Passeio por Paris...

— Ah!

Novo silencio. *Ela* parara. Jorge aproveitou a evidente perturbação da pequena para lhe propor:

— Porque não vem jantar comigo?

— Não posso.

— E porquê?

— Primeiro porque não o conheço...

— Mas eu apresento-me.

— Engana-se... Vocês, os estrangeiros, são duma miopia humilhante para nós. Confundem sempre aquelas que estão a resvalar para... para aquilo que o senhor sabe e... e as *outras*... as que são tão serias e tão dignas de respeito como as dos vossos paizes.

A tirada era, pela certa, reminiscencia dalguma legenda de *film* que a pequena vira no cinema do seu bairro. Mas nem por isso ficou menos atontado o D. Juan:

— Mas o que eu pedia era o mais honesto possivel.

— Bem sei... mas não aceito.

— E onde vai agora, se não sou indiscreto?

— Para casa.

— Posso acompanhá-la?

— Não!

— Porquê?

— Primeiro, porque não quero. Segundo, porque me esperam lá em baixo...

— O seu noivo?

— Não tenho noivo...

— ?

Ela não respondeu logo. Por um lado irritava-a aquela insistencia; por outro, temia já, na sub-consciencia dum vago sentimento a despontar, que Jorge suspeitasse que ela tinha *noivo* a esperal'a.

E explicou:

— São duas camaradas de *atelier* que me esperam para irmos jantar. Vivemos as trez no mesmo *appar-*

tement...

E logo a seguir, estendendo a mão, rematou:

— Não deseja mais nada, sr. Sherlock?

— Desejava sim! Desejava que viesse jantar comigo — onde quizesse e até ás horas que entendesse.

— Nunca!

— Mas...

A *midinette*, esboçou um gesto de tédio e com firmeza cortou a palavra ao português:

— Escusa de insistir e convença-se de que se equivocou a meu respeito.

E desapareceu pela escada de ferro.

Jorge especára-se no patamar, hesitante e angustiado. Era como se tivesse espreitado pela fechadura do Paraizo e temesse bater á porta. Os guinchos dos comboios metropolitanos; o trilar dos apitos dos condutores; as correrias dos que vinham e partiam, perturbavam-no, amoleciam-no, levavam-no á resignação. De súbito, uma energica resolução o sacudiu. E aprumando-se, enchendo o torax como se fôsse para uma briga ou para um duelo, desceu a escada metalica.

Lá em baixo, junto ao disco vermelho dos sinais, estava a *midinette*. Cercavam-na duas moças como ela, não tão galantes — pelo menos para os olhos de Jorge. Palravam acaloradas e, talvez — quem sabia? — evocavam-no e riam-se da sua ingenuidade.

Ela vira-o surgir, e, com impaciencia, voltara-se mais, para impedi-lo de a fitar.

— Fracasso! pensou o pintor. Não lhe caí em graça. Adeus idílio! Adeus aventura!

A bocarra negra do tunel disparara agora, como uma serpente de molas, recheada de lampadas electricas, os cinco *wagons* do comboio.

— Acabou-se! murmurou Jorge. Nunca mais a torno a ver. Segui-la seria uma loucura e sejeitar-me

ao ridiculo...

E não quiz esperar mais. Deu meia volta e, sem olhar para traz, galgou a escadaria de ferro e começou a caminhar a passos lentos, por aqueles corredores do labirinto subterraneo.

Passara a hora dos jantares e dos teatros — e a afluencia diminuira. Os corredores estavam desertos — e aquela solidão, aquele halito de bafio afligia-o, tornava mais pesada a sua derrota de enamorado. Pouco a pouco, chegou-lhe ao ouvido um taconear que o seguia — reflectindo-se-lhe no cérebro, num ritmo quási musical. Inconscientemente, apertou o passo; quem quer que fosse, apressara-se tambem, com o mesmo ritmo de passos. Intrigado, o pintor estacou e voltou-se. Em nenhum teatro, um *metteur-en-scène* conseguiria arrancar dos nervos do espectador trepidação tão violenta como aquele imprevisto que ía cegando, num clarão de magnesio, o desiludido Don Juan.

Á sua frente, sorrindo-se num sorriso timido, num sorriso que podia ser velhaco — *ela* estacara tambem.

Jorge correu, estendeu-lhe os braços, alvoroçado:

— O quê... não partiu?

— Não parti. Improvisei uma desculpa e deixei as minhas amigas regressarem sósinhas.

— E porquê?

— Porque... porque resolvi aceitar o seu convite.

Jorge mastigou umas frazes sem sentido; e, bruscamente ousado, português e impulsivo pelo orgulho da vitoria inesperada, deu-lhe francamente o braço, numa intimidade de amantes e arrastou-a até á rua.

Lá em cima, a Praça da Concordia era um enorme espelho picado pelas estrelas dos arcos voltaicos.

IV

Mergulharam os dois na piscina de luz da grande cidade. E no atontamento em que *ele* ficara pela surpreza; e na emoção da própria ousadia que fazia trepidar os nervos *dela* — ambos evitavam olhar-se, seguindo, de braço dado, cada vez mais proximos, confundido o calor dos seus corpos. Não falavam — como se o contacto fosse uma visão de sonho, que o mutismo prolongasse e as palavras podessem desfazer.

Ao dobrarem o angulo da Rua Royale, quando a realidade os apertou; quando os jactos violentos das lâmpadas electricas e os ruidos orquestrados da cidade os despertaram daquele doce torpor — Jorge tendo nos nervos e no cerebro a noção exacta daquela aventura, preguntou:

— Onde iremos jantar?

Ela encolheu os ombros e sorriu, quasi dengosa. Que lhe importava o jantar? Que caminhassem por Paris fóra, como vogando docemente, numa gôndola, sobre os cristaes azues de Veneza.

— Isso não, *mademoiselle*...

E mudando de tom, indagou.

— Mademoiselle... quê?

— Yvonne.

— Yvonne? é nome de heroina de romance!

— Não diga isso... Em França o nome de Yvonne é vulgar, — é nome de costureira —, é o unico nome que se adapta a uma rapariga como eu.

Jorge protestou sem grande imaginativa de argumentos. E Yvonne, logo interessada, quiz saber tambem como se chamava:

— Jorge Anselmo.
— E em que trabalha?
O português tossiu, acertou o monoculo e respondeu, como sempre:
— Eu não trabalho...
E afectando indiferença, acrescentou:
— Vivo dos meus rendimentos.
Mal terminara a frase, sentiu que Yvonne se afastara um pouco do seu contacto, como numa desilusão. E Jorge, pressentindo o erro da sua mentira, quiz atenua-la.
— Vivo dos rendimentos — mas não sou um desocupado. Tenho uma paixão; a pintura.
— Ah! É artista!
— Sim — pintor *dilettanti*. Como não necessito pintar dia a dia, encho os meus ócios com a fixação dos meus sonhos de artista. É o meu maior prazer — e é prazer porque as circunstancias não exigem da minha fantasia nem pressas nem abdicações. Trabalho quando quero e como quero. Cada obra que surge na minha tela é como uma conquista sincera, uma aventura galante, dificil mas agradavel.
Jorge dera á sua palavra um ritmo estrangeirado que soava com extranheza aos ouvidos de Yvonne — e a deliciava. E ao senti-la outra vez bem segura pelo seu braço, disse:
— Quer V. vêr, Yvonne, o que fiz esta manhã?
E tirou dum bôlso três desenhos, feitos meses antes, em Lisboa, para as capas do *A. B. C.* — três mulheres esguias, artificialmente vestidas com exageros, três figuras doentias, policromas e vistosas. Ela arrebatou-as da sua mão e estacou, numa subita hipnose admirativa, como, se por bruxedo, três Cleopatras tivessem sido disparadas ali, á sua frente, por qualquer mola oculta no asfalto.
Jorge, empolado de vaidade, interrogou:

— Gosta?
— São lindas...
E num desabafo de francesa, completou:
— Até parecem parisienses.
— Não admira — comentou Jorge, auto-sugestionado pelo sucesso da sua bonecada. Eu quasi que vivo em Paris.
— Se V. quizesse... Jorge... — Jorge quê?
— Anselmo.
— É dificil de pronunciar o seu nome. Mas, como ía dizendo: se você quizesse, Jorge Anselmo, amealhava uma fortuna desenhando para as revistas e para os modistas...
E Jorge por tal forma se adaptara, se convencera das suas mentiras, que sentiu sincera indignação pelo conselho que o podia salvar da incerteza de amanhã; que era, ao fim, ao cabo, o principal objectivo da sua viagem a Paris longamente ambicionada. Ah! Nunca! Ganhar dinheiro com os seus lapis, com os seus pinceis? Sentir-se-hia tão prostituido como essas raparigas que se vendem aos homens que as apetecem.
Yvonne delirou com a imagem.
— Tem razão, Jorge, tem muita razão. Infelizmente nem todos os artistas teem a sorte de ser ricos.
— Que lastima me fazem os meus camaradas escravizados pelo dinheiro! — completou Jorge, num trejeito de quem assiste, do ceu, ao desfile da miseria humana.
E como argumento á sua prosápia de riqueza propoz:
— E se fossemos jantar ao *Caucasien?*
A taboleta deslumbrou-a. O *Caucasien?* Mas era o *cabaret* mais em moda, instalado ao cimo da rua Pigale, emoldurado de lampadas electricas, dois cossacos agigantados, de barrete branco e punhal ao peito, servindo de porteiros — como em qualquer palacio de

Gran-Duque perseguido pelos anarquistas numa ilha misteriosa e propensa á orgia, sobre as aguas geladas do Volga. Ás vezes, quando galgava a pé a colina de Montmartre — vira apearem-se de *limousines* luxuosas, inglesas decotadas, *divettes* de Casino, mundanas ou burguezas endinheiradas, fulgurantes numa constelação de joias; *gentlemen* encasacados e monoculados; e aguara o desejo de um dia penetrar nesse reino minusculo, defendido por muralhas tão graniticas como as da China.

Mas, logo apoz o clarão tentador, veio o raciocinio, a contel-a:

— Não posso, Jorge...

— Porquê?

— Bem vê... Não estou vestida.

— E que tem isso?

— Não me deixariam entrar... assim.

Aquela humildade ergueu mais alto a saborosa ilusão com que Jorge se morfinara.

— Mas temos tempo. Eu vou num instante ao hotel enfiar um *smocking*. Entretanto o taxi levar-te-há a casa e farás então a tua *toilette*.

Todo o encantamento daquele sonho gozado por Yvonne foi dolorosamente quebrado pelo vexame da verdade. E baixando os olhos, como se não pudesse já mentir áquele namorado que conhecera poucas horas antes, confessou:

— Não tenho *toilette* para ir ao *Caucasien*.

E, numa defeza, orgulhosa para o deslumbrar:

— Eu sou das que vivem só do trabalho!

Como se nas veias, em vez de sangue, houvesse oxigenio, Jorge sentiu-se levantado no espaço, na inferioridade resignada daquela que, pouco antes, lhe parecera fechada numa torre inviolavel. De braços anforados, o pintor circunvagou a vista. Depois numa saída de milionario, murmurou:

— Se houvesse ainda alguma loja aberta...
— Está louco, Jorge? Nem eu queria...
Novo silencio. Nova hesitação. Por fim Jorge, decidiu, energico:
— Mas... que importancia tem o fato? Estás muito bem assim. Além disso sou estrangeiro e como estrangeiros seremos olhados. Vamos.
Não resistiu Yvonne á tentação de descer ao reino encantado daquele *cabaret*. Deixou-se levar por um auto; deixou que Jorge a levasse para o *hall* do *Caucasien*.
Cercaram-nos os vendedores do *dancing*, teatralmente vestidos ao estilo moscovita:
— *Une fleur?*
— *Voullez-vous le Jazz-band chez vous?*
— *L'Album des artistes du Caucasien?*
— *Des chocolats pour Madame?*
Yvonne abanava nervosamente a cabeça. E as suas pupilas clarissimas, seguiam uma bailarina do *Folies-Bergères* que despia, frente a um espelho, uma capa de *renard-argenté* e que se revia, embabada, no decote que lhe desnudava o peito de garça, e no tesouro dos colares que lhe abraçam como estrelas, o pescoço rosado.
Ao vêla, tão *chic*, tão esplendorosa, Yvonne quiz desistir, quiz fugir, assustada com a exhibição do seu trajo modestissimo, quando a empregada vinha arrancar-lhe o casaco, comprado por duzentos francos, aos vendedores de pechinchas do Temple. E se não fosse a vergonha de desistir, maior do que a vergonha de exibir a sua pelintrice de operaria honrada — não hesitaria.
Mas era tarde! E por isso deixou levar o casaco, observando de esguelha o português, que, super-satisfeito, cubiçava atravez do monoculo relusente, as formas semi-transparentes agora pelo tecido levissi-

mo do seu *promeneur*.

— Vamos?

Desceram á cave. Os cossacos e as cantadoras de baladas nostalgicas do Caucaso, de berrantes balandraus e diademas falsos nas cabeleiras, desengonçavam-se em salamaleques á sua passagem.

O *Caveau*, com oito mesas, doze musicas e uns dez criados — estava semi-vazio. O maestro, amulatado, com traços mongolicos, arrancava gemidos cabritineos do seu violiño. Ao fundo, uma tribu de ingleses vorazões debochava-se numa bebedeira de champagne. Á frente, uma mulher-vampiro, de órbitas olheirentas, aspirava o pó prateado duma caixa de cocaína...

... Sentaram-se na meza onde melhor podiam defender-se da curiosidade insolente das cortezãs e dos *papillons*.

— Que queres tomar? Rim *á la brochette* é a especialidade da casa...

— O que tu quizeres...

— E que bebes?...

— Água...

Jorge desgostou-se da sede plebeia da namorada — e ditou para o creado:

— *Campagne Américan*...

Mas, por prudencia, ilucidou em voz baixa:

— Do... de cem francos.

É que ele sabia por experiencia, que na lista havia a mesma marca registada a duzentos francos a garrafa.

Ela negou-se a dançar um *fox*. Silenciosa e aparvalhada, sentia-se mais estrangeira do que Jorge, sob aquele envolucro de luzes alucinantes. E a cada cliente vestida de maravilhas da moda que entrava, mais s acanhava, mais pequena se fazia.

Veiu um cossaco com os rins espetados no punhal

de guerreiro. Saltou a rolha do champagne artificial; arrendilharam-se de espuma as taças. E dez minutos depois, na excitação do alcool, Jorge fazia o romance da sua vida, como se fantasiasse bizarrias modernistas numa tela de quadro:

— Meu pae é dos homens mais ricos de Portugal. Rico e fidalgo! Se eu quizesse podia usar um titulo de nobreza. Sou conde, por direito... Mas não gosto! Os condes estão fóra de moda.

«Os terrenos de que meu pai é proprietario formam um outro estado dentro do país. Quando as manadas e os rebanhos regressam do pasto, a terra estremece. Os cavalos cansam-se antes de atingir a fronteira das nossas propriedades...

E Jorge ao ver que ela o acreditava, sugestionara-se como se revelasse verdades... Alastrava-se na bebedeira das grandezas que ele proprio não sonhara nunca possuir. E os trigaes? Eram oceanos de ouro, por entre os quaes os ceifeiros se perdiam como nas areias dum deserto. Os campos de fruta eram cretones cheinhos de desenhos, faulhando todos os coloridos e exalando todos os perfumes. Se o Mediterraneo se esvasiasse, não seria necessario interromper a navegação porque as cataratas oirescentes dos seus lagares e os diluvios diamantinos das suas vinhas, encheriam á larga o leito do mar.

E numa meia voz modesta, na intimidade dum segredo, foi construindo ante os credulos olhos de Yvonne, os castellos medievaes, com pontes levadiças e ameias ameaçadoras, em cujos salões tumulares ele ia recompondo o corpo afadigado pelas orgias de Paris. E levou-a em correria esfalfante, atraz das suas viagens ininterruptas pelos países exoticos, galgando o Himalaya, entoldando idilios sob as pontes venezianas; perdendo-se pelas florestas de árvores anãs, copados como cogumelos, do Japão dos samu-

raes, das gheisas e dos crisantemos.

Já não podia sofrear a imaginação excitada pela ingenua credulidade da *midinette*. Como um garoto rico que pode exigir brinquedos e fantasias — ele construia á vontade garages para dezenas de automoveis e cavalariças para centenas de montadas do mais puro sangue.

Yvonne, o golpe minusculo dos seus labios carminados a fender-se numa continua exclamação de surpreza; os seus olhitos de creança a fogo-fatuarem, hipnotizados, sonhava tambem, como uma gentil mendiga de contos de fada, a quem surgisse, na penumbra da floresta embruxada, o principe encantado que afofo de arminho as ladeiras espinhosas; que transforma em sedas e pedrarias os andrajos da miseria; que incendeia raios de sol nas trevas da sua vida.

Naquele instante Yvonne acreditou em Deus, com a certeza de quem o contemplasse, entronizado em nuvens de ouro, sorrindo-se para ela como para uma filha predilecta. E quando, ás quatro da manhã, esquecida do seu casaco plebeu, esquecida dos seus saltos cambados, saíu do *cabaret*, desceu a Rua Pigalle e se encontrou na liberdade da primeira rua solitária, os seus labios, como puchados por um iman, voluntariamente se sorveram num beijo — um beijo tão violento e tão guloso como aquele que Jorge, doze horas antes, lhe roubara em pleno *boulevard*.

V

Quando Yvonne, toda alvoraçada, contou a historia do seu idilio, o alegrão de Suzette e de Jeanne foi por tal forma sincero e ruidoso que ambas pareciam participantes na futura felicidade da amiga.

Suzette e Jeanne eram as camaradas de Yvonne, camaradas de todas as horas, camaradas do *atelier*, na ritmica orquestração das *Singer*, camaradas na mansarda florida de Montmartre, herdade de Mimi, onde o canario romantico, companheiro de Rodolfo, fora substituido por um gramofone Pathé; camaradas ainda no *promenoir* do Ambigu; nas passeatas e merendas a Vincennes e St. George ao domingo e nas evocações do cinema do bairro, ás quintas-feiras.

A egualdade dos seus destinos e dos seus temperamentos tinha-as reunido na mesma jangada, sobre as ondas inquietas da capital. Defendiam-se com mutuo frenezi — e, porque Yvonne fôsse a mais bela e a mais inteligente das três, um sentimento mudo de justiça fizera com que lhe aceitassem a chefia e a pilotagem da vida — dessa vida sem outras complicações do que a do trabalho e dos prazeres ingénuos de colegiaes.

— E tu gostas dele? indagou Suzette.

— Muito...

— Mas se é aquele em quem tu bateste, no *boulevard* — não se pode chamar um *beau garçon*... — notava Jeanne.

— Olha, até, com franqueza, — rematou Suzette, acho-o feio.

Yvonne encolheu os hombros e respondeu:

— Talvez se o tivesse visto em retrato, o achasse feio tambem.

Depois explicou que para o amor não há formusuras. Quando uma mulher se enamora, todas as leis da *beleza* se modificam e passam a girar á volta do *tipo* que caiu em graça á enamorada.

Tinham terminado o trabalho. As máquinas de cozer, esfalfadas, pareciam vomitar as sedas e veludos. Sob a luz berrante das lampadas, os manequins de pasta do *atelier*, envergando *toilletes* decotadas,

pingando bordados de prata franjados de ouro davam a impressão duma extranha *soirée* de decapitados, como se uma aristocracia, passada á guilhotina, tivesse desprezado a cabeça e teimado em reunir-se numa festa elegante.

As costureiras, formando círculo em redor de Yvonne, compunham ou avivavam a maquilhagem, frente aos espelhitos quadrados dos seus sacos de mão. Os *pompons* de pó de arroz iam enfarinhando os rostos — sobre os quaes a barra de carmim incendiava em braza os labios sensuaes, e os *crayons* disfarçavam as olheiras naturais de anemicas em olheiras artificiaes, de *coquette*.

E todas queriam saber novos detalhes sobre o *étranger* de Yvonne:

— E é rico? preguntou uma.

— Riquissimo! dizia apenas Yvonne, distraída com um sorriso morfinado de vaidade e de gozo.

E as duas amigas intimas que, orgulhosas, repetiam pela centésima vez o inventário dos tesouros de Jorge Anselmo, aumentando sempre um ponto á mentirosa fantasia do pintor, iam enumerando.

— E tem castelos e palacios!

— E garages cheias de autos.

— E com os regimentos de creadagem que o servem, até podia declarar uma guerra...

As *midinettes*, emocionadas, levantavam os olhos dos minusculos espelhos da maquilhagem para observarem o rosto de Yvonne, medir-lhe os encantos que tinham embruxado aquele principe generoso e milionário; e depois voltavam de novo apressadas ao narcizismo dos quebrados cristaes, para se conferirem e compararem os seus rostos e os seus encantos aos da camarada vitoriosa, para verem se possuiam tambem a fascinação suficiente para embruxar um principe tão generoso e tão rico — caso houvesse outro a pa-

vonear-se sobre as ruas de Paris. E nos cerebros daquelas moças agitadas pela visinhança da Ventura, nascia o plano de esbofetear, no proximo dia de Santa Catarina, todos os estrangeiros com quem se chocassem, como se nesse dia a bofetada fôsse o «Abre-te Sesamo» de todos os paraizos.

Uma delas — uma garota de Nice, orfã desde os dez anos e senhora de sua vida e da sua miseria desde então, com basofia de experiente, aproximou-se de Yvonne e bateu-lhe no hombro:

— Ouve, pequena... Agora que o «tens» não o largues. Agarra-o com unhas e dentes; fecha os olhos a tudo; põe-te de rastos aos pés dele, mas lembra-te do que eu vou dizer; se bater azas, não tornas a apanhar uma pechincha como esta...

Suzette e Jeanne entreolharam-se; sorriram; e a primeira, estendendo os braços, exclama, com energia:

— Não vôa, descança! Para isso... cá estamos nós!

Havia nesta dedicação uma pontinha de egoismo e de interesse. Suzette e Jeanne contavam com o futuro doirado de Yvonne, para se anicharem, acompanhando-a nas suas viagens julioverneskas, feitas em caravanas *sleeping-car* ou ainda em passeios a cavalo, atravez das propriedades do castelão português, *là bas*, nas grandes salas brazonadas, cercado pelos retratos de antepassados barbudos e de arnezes riscados pelo aço de cem batalhas.

Yvonne, que resistira muda áquela algaraviada de comentários e de conselhos, voltou-se, acamando as madeixas de cabelo d'oiro e, sem reflectir orgulho ou emoção, murmurou tristemente:

— Tenho medo, sabes? Tenho muito medo.

— Mas medo de quê?

Yvonne hesitou em responder. Era dolorosa, para

a sua vaidade de mulher, a confissão.

— Eu não tenho ilusões, amiguinhas. Ele é rico, é poderoso, é inteligente... Os seus desejos, os seus caprichos, são sempre satisfeitos. Nada lhe resiste no mundo. Quantas mulheres o cubiçarão? E como poderei eu conservá-lo neste idílio inexplicavel e inverosimil?

Riram-se do pessimismo de Yvonne. E Suzette, interveio, protestando:

— Mas tu és linda, Yvonne. O teu palminho de cara é capaz de seduzir o proprio *shá* da Persia...

Yvonne, sorriu, melancólica:

— De que serve tudo isto? Eu bem me vejo, eu bem me sinto, apagada na minha modestia.

Explicou... Em Paris aonde se pavoneiam tantas mulheres esplendorosas, imans de carne, envergando toilettes de maravilha que os seus dedos de costureira conheciam apenas de tacto — Yvonne era para ele, no seu proprio raciocinio, uma *midinette* igual a tantas outras, sem sedas, sem joias, sem aquela sciência de falsidades atraentes das intriguistas que pela certa procuraraiam o amor daquele homem que ela... já amava. E rematou...

— Preferia que fosse pobre; que fôsse como eu, que não houvesse, ao cimo desta aventura, outra felicidade do que a dum canto no meu bairro com moveis novos e um canário que nos acordasse de manhã, á hora de ambos partirmos para o trabalho.

Espantavam-se as camaradas do *atelier*. Era lá possivel que aquela louca estivesse seduzida apenas pelo *homem* e não pelo mundo de riquezas que ele podia proporcionar-lhe?

— E ha quanto tempo dura o namoro? quiz saber uma marrequinha, — a unica que compreendera o desinteresse de Yvonne.

— Desde dia de Santa Catarina — vae em cinco

semanas. Encontramo-nos todas as tardes, na estação da Opera. Jantamos sempre juntos e rara é a noite que não vamos ao teatro.

— Tola! disse Suzette, beijando-a. Quanto tens gozado!

— A verdade é que, parisiense como sou, só agora conheço Paris, um Paris que os estrangeiros conhecem melhor do que nós, mesmo qando veem pela primeira vez. Ainda não comemos dois dias no mesmo *restaurant*...

— E hoje aonde vão?

— Ao «Romano».

— E ele, nessas três semanas, falhou alguma vez?

— Nunca! afirmou Vvonne. Nem um *lapin!*

Jeanne encolheu os hombros e opiniou, com segurança:

— Não tenho preocupações. Ele está preso e bem preso. Levá-lo-hás aonde quizeres.

— Que Deus te ouça, Jeanne.

A marrequinha indagou então:

— E quando começam a viver juntos?

Ofendeu-se Yvonne.

— Ele quer casar comigo e levar-me depois para o seu paiz.

— Lá vais tu conhecer as Carmens nos seus jardins floridos.

— Olha que o meu noivo não é hespanhol — e nem gosta que o confundam com os hespanhoes...

— Então de onde é ele?

— De Portugal.

Portugal? E houve logo em coro, varios *records* de ignorancia geografica.

Onde ficava Portugal? Na Europa? Sim... ficava na Europa, lá para o sul, entre a Grécia, a Espanha, e Italia e a Turquia.

Ouviram dar as sete. E todas elas, como se as cam-

painhas do relógio fôssem ecos dum gongo anunciando mefistofles partiram, correndo, numa gritaria de colegiaes... Separaram-se á porta do *atelier*.

— Vae depressa, Yvonne...

— Não o faças esperar...

— Se calhar ele já está impaciente...

Yvonne, sózinha, meteu á rua da Paz atravessou a Praça da Ópera e foi especar-se frente á estação do *metro* — no lugar do costume.

Eram sete e cinco.

....

Suzette e Jeanne, na sua mansarda de Montmartre, levantavam precipitadamente a mesa do jantar. O cinema começava ás oito e meia — e elas estavam já atrazadas quarenta minutos.

De subito, calaram a sua algaraviada alegre. Tinham batido á porta. Quem seria? Não tinham o luxo de receber visitas e muito menos aquela hora.

— Vae tu abrir, Jeanne.

Jeanne foi abrir, — e assustou-se. O vulto que estava no patamar, avançou em silencio para dentro de casa, empurrando-a.

— Mas quem é?...

Não respondeu. Então, á claridade do corredor, viu-lhe o rôsto.

— És tu, Yvonne?

Suzette, ao ouvir o nome, correu ao seu encontro:

— Que foi isso? Estás doente? Que sucedeu?

Um chôro convulso sacudiu o corpo de Yvonne. E entre soluços, murmurou:

— Sucedeu o que eu temia...

— Mas...

— Foi ele... foi o Jorge... que faltou... Não veiu hoje ao encontro. Não voltará mais... Adeus, sonhos! Rompeu-se o encanto!

VI

Á hora em que Yvonne prescutava a multidão dos boulevards, nas primeiras impaciencias da espera; á hora em que as suas pupilas de porcelana fogo-factuavam, na ânsia de adivinhar, atravez daquelas muralhas humanas que a cercavam, o rosto do seu principe encantado que não aparecia, Jorge Anselmo, muito proximo da *midinette,* á esquina da Rua Scribe, espreitava-a, angustiado, sem que ela o visse.

Duas vezes, com o coração alvoroçado, ordenou a si próprio, que abandonasse o refugio e que fôsse ter com a namorada, contando-lhe toda a verdade. Duas vezes, numa brusca e fraca energia, avançara uns passos, em direcção á Praça da Ópera. Duas vezes, temendo descobrir-se, recuara e escondera-se de novo no angulo da rua, aflictivamente, como se tivesse sofrido uma humilhação sem nome. E assim esteve, meia hora, uma hora, todo o tempo que Yvonne, firme á entrada do «metro», o aguardava, olhando continuamente em redor, na ultima esperança de que *ele* chegasse, disparado por misterioso alçapão!

— Pobre Yvonne! murmurava Jorge, comovido, como se não fôsse ele o «ausente» por quem ela sofria!

Que facil seria liberta-la daquela amargura de esperar em vão, de ver diluir-se, frente á esperança encantada e imprevista da felicidade — todo o opio dêsse sonho embruxado que êle lhe dera a fumar, com as suas mentiras, com os seus enganos! Bastava surgir de subito, receber dos seus lábios vermelhos e humidos a dôce fruta dum beijo prolongado, parisiense, isolador — para que a alma da pobre pequena,

rasgando as redes de desilusão, voasse, livre e venturosa.

Mas não podia! Ela esperava-o para jantar; teria seguramente visionado uma pequena festa em restaurante alegre, rematada por um espectaculo com muitas luzes e muitos quadros, em qualquer teatro de revisteca, em Montmartre. Podia inventar uma desculpa, improvisar explicações — a chegada dum amigo, o convite duma embaixada. Mas ele, que se deliciava em assoprar as bolas de sabão das suas mentiras, em construir com o fumo da sua fantasia castelos e maravilhas, tudo quanto pudesse servir de lente de aumentar a importancia da sua pessoa — previa o fracasso, a revelação imediata da verdade, caso fôsse agora iludi-la sobre as razões porque não podia realizar o plano da noite, gizado na véspera.

— Pobre Yvonne!

E, via-a cada vez mais impaciente; rondando agora as balaustradas de pedra do «metro» como se á sua volta agudos ferros se tivessem levantado, aprisionando-a em pleno Paris.

De subito, Yvonne partiu, precipitadamente, furando a multidão como flecha, com as pressas de quem quer ir ocultar para longe as lagrimas que não sabe conter por mais tempo. Ao vê-la partir, Jorge tentou, pela terceira vez, ir ao seu encontro, sustê-la; sentiu até a tentação de revelar a verdade, arrancar a máscara, apagar as lampadas azues da ribalta teatral de onde se fizera sempre contemplar por Yvonne. Mas bastava a ideia, para que uma vergonha dolorosa o sacudisse, pondo-lhe vermelhões de febre no rosto e agitando o coração, num ritmo assustador. E não era só a vergonha de confessar as «mentiras»; era o medo de que a «verdade» da sua pobreza, da sua inação, a queda brusca do alto do Himalaia das suas patranhas, para a vulgaridade da sua historia, abalasse o

trono em que ele se empoleirara, sobre o coração da costureirinha gentil. E confessou:

— O que seria de mim se ela me deixasse, sorrindo com desprezo!

E acrescentava, num desabafo de egoismo de macho e de vaidade lusitana:

— Prefiro vê-la chorar! Prefiro que creia no abandono, ou no amor de outra mulher!

Lentamente, de mãos atraz das costas, foi pensando nos tormentos sofridos nas ultimas vinte e quatro horas. Acordara na vespera, assobiando alegre. A facilidade fôfa e suave da sua existencia de Paris até então, cegara-o; roubara-lhe a consciencia das realidades. Durante aquelas semanas de atordoamento, encontrara sempre no bolso, ao alcance das suas mãos, a nota para trocar e para pagar. Viera a Paris para construir uma vida; para conquistar a gloria e a fortuna; e esquecera-se de todos os seus planos e de todas as suas ambições, como se não precisasse de trabalhar mais, como se o Destino o tivesse feito, num «truc» de comédia, herdeiro dum tio do Brazil; como se a sua carteira fôsse um aderêço de prestidigitador ou o brinde de linda fada multiplicando quotidianamente, na gestação misteriosa do seu ventre chato, o dinheiro que trouxera de Portugal.

Mas naquela manhã, ao levantar-se, com despreocupação dos ricos, dos garantidos na vida — ela, a carteira, saltara-lhe do bolso e escancarara-se, sobre o tapete, como uma boca a gargalhar, trocista e perversa. E Jorge viu-a então, vazia, com uma nota de cem francos — a ultima que lhe restava, surdindo, como se a carteira lhe deitasse a lingua de fora, num arremedo de gaiato.

Cem francos! E a conta do hotel, apresentada na vespera? Cem francos! Podia almoçar; podia mesmo jantar — mas *sózinho*. E o dia seguinte? E todos os

outros dias que se seguissem? E todas as contas de hotel, pelo mez fóra? E a volta a Portugal, caso não conseguisse resolver rapidamente o seu problema? E *ela*... e Yvonne?

De todo este desfile de angustiosos pontos de interrogação, o unico que ficara vibrando, como uma vara de metal, sacudida por dedos de gigante — era o que rematava o nome da *midinette*. E foi por ela — mais do que pela ameaça subita da miséria, que se injectou de energia, dispondo-se á lucta, á victoria, á reabilitação.

Vestiu-se, rapido; e já na escada folheando as recordações dos seus planos de Lisboa, encontrou, a laia de mão pintada, daquelas que estendem o indicador nos corredores labirinticos — um nome que o devia salvar. Varias pessoas lhe tinham falado dum português rico, riquissimo, que se fixara em Paris com negocios de esperteza, e que em Paris fizera fortuna. Chamava-se... chamava-se...? — Ah! Abel da Silva... O anuário dos telefones lhe daria a direcção...

E deu: Avenida de Tokio, 32.

Passou primeiro pelo «Cintra», a dois passos do hotel, para tomar um Porto — um Porto que, em jejum, daria aos seus nervos todo o entusiasmo e toda a fé da sua primeira *démarche*. Ás onze em ponto apeava-se dum *taxi* frente á residencia do compatriota afortunado.

Era num segundo andar de amplas salas, mobiladas á americana, e muitas dactilografas teclando nas máquinas e produzindo um ritmico hino de trabalho. Mandou o bilhete de visita para dentro — e emquanto esperava, na antecamara *nova rica* do *novo rico*, o seu cerebro, aquecido pelo alcool do «Porto» urdia, á pressa, o plano de ataque.

— Peço-lhe primeiro quinhentos francos emprestados — e depois oferecer-me-hei para lhe fazer o re-

trato, a oleo... Vai ficar todo *inchado*, pela certa, e com o engôdo de eu levar o frontespicio para o «Salon» não vacilará um só instantes.

Uma empregadita loira e sorridente veiu dizer-lhe que *Monsieur Silvá* ia recebe-lo.

Monsieur Silvá era um moreno tisnado, novo ainda, ligeiramente estrábico, plebeu e provinciano, mal cabendo no seu trajo e nos colarinhos *yankees* com que se scenografara.

Quando Jorge entrou no gabinete, o comerciante luso-parisiense abancava a uma secretária de ministro, espaçosa como um palco, toda erriçada de telefones. Levantou-se, artificialmente seco, e depois dum exame rapido, estendeu-lhe a mão e declarou:

— Tenho muito prazer em conhecê-lo — a minha casa está sempre aberta aos portugueses.

Jorge ía agradecer e fonografar o discurso preparado para o emprestimo dos quinhentos francos, mas *Monsieur Silvá* interrompeu-o...

— Devo porém preveni-lo, antes de mais nada, que não cedo nem cederei nunca a um pedido de dinheiro. Não empresto um franco seja a quem fôr... É uma questão de principio... e de prudencia.

Este aviso parecia electrocutar o fumador de ilusões. O corpo do comerciante começou a diminuir ante os seus olhos perturbados. Zumbiram-lhe abelhas, nos ouvidos. O tapete que pisava parecia ceder, sob os seus pés, como uma rede suspensa no ar.

Mas nas iris convergentes pelo estrabismo de *Monsieu Silvá* brilhava uma tal petulancia que Jorge quiz sacudir-se daquele amolecimento. O seu orgulho erguia-o, mais imponente do que nunca. Retirou da órbita o monoculo, inchou o torax, esboçou um gesto e um sorriso de superioridade e respondeu:

— Meu caro senhor, aqui há um equívoco. Não costumo pedir dinheiro — e apezar de me deverem al-

gum — não necessito nem de esmolas nem de favores. Sou pintor e preparo uma exposição em Paris.

A palavra «pintor» soara bem ao ouvido do arrivista. E dum relance, *Monsieur Silvá* teve a visão inesperada de se contemplar numa tela, como num espelho, de casaca, uma casaca que ele comprara com os primeiros lucros do negocio e que ainda não estreara por falta de oportunidade; a mão repousando sobre uma mesa americana; e ao fundo um reposteiro verde-rubro com o escudo português, em amarelo, a decora-lo. Como bom democrata e conceituado comerciante — sorria-lhe aquela glorificação, num *salon* de pintura, admirado e invejado pelos visitantes que desfilassem frente ao quadro. Antevia até a possibilidade de ficar para sempre, exposto á admiração das gerações futuras, grudado á parede dum museu, como obra-simbolo duma epoca e de um artista.

— Nesse caso... — gaguejou.

E depois, sorrindo-se e estendendo ambas as mãos, remendou a *gaffe:*

— Terei muito prazer em que conversaremos.

Mas Jorge perdera o freio dos seus nervos; esquecera-se de tudo; esquecera-se de que a nota de cem francos, trocada para pagar ao *chauffeur,* era a ultima. Naquele instante só ansiava guindar-se muito alto, retribuir a humilhação sofrida com um gesto quixotesco, uma fanfarronada que obrigasse *Monsieur Silvä* a curvar o busto magrizela.

— Noutra ocasião falaremos. Não tenho tempo a perder...

— E onde é que V. Ex.ª está hospedado.

O pintor ia a dar a direcção verdadeira — a direcção do seu hoteleiro da Rua Montmartre, mas conteve-se a tempo. Depois, já meio voltado para a porta, disse:

— Estou no Maurice-Hotel, da Rua de Rivoli, no

mesmo *appartement* que costuma ocupar Afonso XIII, quando vem a Paris. Se desejar alguma coisa, procure-me lá.

E sem tornar a fitá-lo; sem apertar a mão que o outro estendera, saiu, imponentissimo, do escritorio de *Monsieur Silvá*.

O fracasso da sua primeira tentativa; a recordação do vexame com que tinha sido acolhido, desanimára-o por completo. Passara o dia, inactivo, arrastando-se pela cidade, sem querer olhar para os relogios — assustado com a aproximação da noite.

— E Yvonne?

Não sabia que fazer. Sentia-se perdido, naufrago naquele oceano humano de Paris, náufrago que fluctuasse sem perigo de ser levado por uma onda mais forte — mas para o qual não houvesse margem onde ir repousar.

Até á hora da entrevista, uma sonolencia lhe amortecia as marteladas da razão. Como todos os impotentes para a lucta da vida, todos os covardes da batalha quotidiana — Jorge almofadava o tormento de pensar com a auto convicção de que um milagre viria salvá-lo — um milagre que ele não sabia definir nem prever com nitidez: um encontro, uma carteira perdida, qualquer «sorte grande» que viesse nimbal'o de ouro sem que ele arriscasse um passo, um esfôrço, um pouco de energia ou de iniciativa.

Passou a hora da entrevista... Ela partira, a chorar talvez ou a amaldiçoá-lo. E ele, socegando um pouco, refugiara-se de novo no tépido comodismo das suas utopias, arquitetando surprezas redentoras, o tal encontro, a tal carteira deixada caír na valeta por um milionario *yankee* embriagado. E assim se esquecera tambem de comer — a sonhar com as iguarias de molhos coloridos com que podia banquetear-se, áquela hora, se o dinheiro que esbanjara naquelas

semanas de Paris tivesse asas e voltasse á carteira como as pombas ao pombal.

VII

Dias rodaram, sem que Jorge tornasse a aparecer a Yvonne. A vida começou a afunilar-se, estreitando-se, estrangulando-o. Dos restaurantes burguezes passara aos restaurantes operários. A ultima nota tinha voado há muito tempo. Empenhara o anel por sessenta francos — e com sessenta francos havia de defender-se até ao milagre. As contas do hotel cresciam. Madame Dorient ia franzindo o sobr'olho, murmurando com pior humor os *bon-jour* da manhã. O creado já o servia de maus modos. Todos o olhavam com desprezo.

Uma noite de má disposição, pensou em não jantar. Era uma medida de higiene colaborando com a bôa economia.

Descera, com vagares de turista, a Avenida da Ópera, parando frente a cada vitrina, interessado nos preços dos objectos expostos, fazendo de cabeça orçamentos para um futuro lar aninhado numa artéria ampla e arborizada como aquela onde vivia *Monsieur Silvá*. E mesmo em frente ao Café de Paris ouviu, no semi-silencio do anoitecer, uma voz distante que o chamava. Nem sequer se voltou, convencido de que essa voz vinha de dentro das suas utopias sugestionando-o como uma realidade.

Mas a voz repetiu:

— Oh! Jorge Anselmo! Jorge Anselmo!

E acrescentou:

— *S'tás* surdo, *pá?*

Jorge sobresaltou-se então e viu, no extremo do passeio, de braços estendidos como se fôsse amparar

um desmaiado — o Abílio Santana — o camarada da tertulia do *Martinho*, o jornalista semi-fracassado que recitava artigos de fundo em todos os actos da sua vida, desde a compra duma caixa de fosforos até á discussão das teorias de Einstein.

Santana em Paris?! E Jorge pensou logo, no alívio de quem vê realizada uma esperança:

— Bem dizia eu! Nosso Senhor não podia abandonar-me neste estado. O Santana vae emprestar-me dinheiro, enviado por Deus para me salvar.

E estendendo tambem os braços, avançou para o amigo.

Abílio de Santana era um moço guedelhudo, de pupila viva e um ar misterioso de principe que viaja incógnito.

O abraço de Jorge encontrou um peito fremente de entusiasmo, alvoroçado por tão imprevisto encontro. E, emquanto o jornalista desfiava o rosário de preguntas que faísca, inevitavelmente, quando dois patricios se chocam em terra estrangeira. — Quando chegaste? Que fazes por cá? Tens sido feliz? Em que hotel estás? Que tal achas a mulher francesa? Já foste ao *Folies-Bergères?* — Jorge, apressava a rodagem da imaginação para improvisar um pedido de dinheiro.

O outro falava... falava, ininterruptamente e o pintor, sem o escutar, murmurando um *sim, sim*, inconsciente, pensava:

— O melhor é dizer-lhe a verdade... Que não consegui encontrar trabalho... Que estou individado no hotel... Que não me deixam dormir esta noite... Que gastei todos os francos que trouxe...

Até naquela crise em que se encontrava, Jorge teve de luctar consigo proprio, na necessidade de mentir, de aumentar... Era preciso fixar a soma que trouxera de Portugal. Quantos diria ele ao amigo? Vinte e

cinco mil francos? Ou trinta mil? Era preferivel quarenta. Quanto mais dinheiro afirmasse ter gasto — maior confiança inspiraria ao compatriota.

Ensinada a lição a si proprio — Jorge predispoz-se a ouvir o Abilio de Santana á espera dum silencio e duma oportunidade onde pudesse incrustar o pedido.

E o jornalista, acalorado como num discurso, fonografava a história dos seus poucos dias em Paris.

— Não calculas, menino, a sorte que me tem ácompanhado aqui. Já em Lisboa, Deus Nosso Senhor começou a proteger-me. Aquele contracto que fiz com o *Diario* — tu sabes, não é verdade? Dois contos por mês e um artigo por semana. Mas o que me resolveu a vir até cá foi a venda, ao meu editor, das minhas crónicas. Três volumes a cinco contos cada. Dez mil exemplares cada edição. Êxito garantido!

—E disso tens vivido em Paris? — indagou Jorge, bruscamente interessado.

— S'tás doido? Eu sou lá homem para me resignar a umas dezenas de contos? Cinco dias depois de cá estar já tinha queimado a massa — e procurado novas fontes de receita.

«O que eu nunca julguei era que o meu nome fôsse tão conhecido pelas redacções parisienses. Não calculas! Basta mandar o bilhete para dentro. Recebemme logo. Olha, um exemplo. No *Matin*, o director recebeu-me, perguntando logo: «— Santana? *Êtes-vous, par hasar, le célebre reporter qui a fait le crime de la Chica au Grand Nez*» (á Chica Pencuda se referia ele) *dans le «Noticias» de Lisbonne?*

«E como eu respondesse afirmativamente, apertou-me os ossos com furia e exclamou:

«— *Bravo! En France il n'y a pas mieux!*

«Fiquei logo contractado. Oito artigos por mês, assunto á minha escolha — cinco mil francos. Fechei tambem um contracto com a *Ilustration*. Crónicas de

politica latino-americana. Bem pago... Realmente... bem pago! ...qui pode-se trabalhar... Dão valor ao talento. Não é como em Portugal...

A victoria clamorosa de Abílio murchara Jorge. Não se sentia com coragem pa.a dizer a um camarada tão ditoso — os seus fracassos e a sua miséria incipiente. Ao seu orgulho, a revelação da derrota em contraste com o triunfo do jornalista, era equivalente á confissão da sua inferioridade como artista.

Desistiu. E como não queria que o outro continuasse a fitá-lo do alto das suas glórias, torceu os labios num sorriso de superioridade e acrescentou:

— Tens razão! Não existe nada como Paris para um artista ou um intelectual ser apreciado pelo seu justo valor.

«Tu sabes de cór qual era a minha situação em Lisboa. Trabalhava, ganhava, os criticos aplaudiam-me, o Artur Portela chegou a dizer que os meus quadros eram «fogos fátuos de côres variadas»; os clientes abundavam... e quê? Subi três degraus na carreira e bati logo no tecto do êxito maximo, sem possibilidade de guindar-me um metro só que fôsse no trono da fama ou nas maravilhas da fortuna — pela baixeza do meio.

«Vim para aqui há umas semanas apenas. Dois dias depois de chegar tinha proposta de dois judeus, comerciantes de quadros, para exposição de trabalhos — garantindo-me um deles, cem mil francos, e o outro duzentos. E pedidos para colaboração? Pae do Céu!!! Ele é a *Vie Parisienne, é Le Sourire*... Os revisteiros de teatro pedem-me *maquettes* para scenário e figurinos para o guarda roupa... E isto não falando de clientes particulares — dos que pretendem apenas que eu lhes faça um retrato... Ainda esta manhã, a princesa de Serigoff, uma russa, me ofereceu quarenta mil francos por um quadro em que a filha servisse

de modêlo.

«O que me faz falta é um «atelier». Estou no *Claridge Hotel!* Compreendes, não é verdade? No *Claridge* não é possivel pintar. Visitei ontem uma vila apalaçada de Neuilly. Mas pedem-me um dinheirão por ela. Oitocentos mil francos. Se ma cedessem por quinhentos, era minha amanhã mesmo. Mas... oitocentos mil, não posso... sinceramente, não posso!

Abílio escutara o amigo com ar aparvalhado de quem sofre uma hipnose violenta. E quando Jorge se calou e ambos serenaram, olharam-se desconfiados. Os labios do pintor e do jornalista moveram-se como para pronunciar uma fraze da qual antecipadamente se arrependiam.

Foi Abílio de Santana quem primeiro cortou o silencio:

— Bom, bom!... Felicito-te pelos teus êxitos. Mas já nos encontraremos... Tenho pressa. São mais que horas de jantar!

A palavra jantar despertou o instinto adormecido de Jorge. E disse, com ar distraído:

— Vaes comer?

O outro percebeu a insinuação dum convite e apressou-se a esquivá-lo:

— Vou. Vou ao Paillard do *Boulevard* dos Italianos. E' o restaurante mais *chic* de Paris. Dizia-te para me acompanhares — mas estou convidado a jantar pelo director do *New-York Herald.*

Jorge, nesta altura distraído, indagou ingénuamente:

— Qual director do *New-York Herald?* O que morreu há dias?

E o jornalista, muito serio, ilucida-o:

— Não. Com o outro. Com o filho!

Retomando a sua importancia, Jorge respondeu, a esquivar-se com uma basofia:

— Mesmo que quizesse não podia aceitar. Tambem estou convidado por Mr. Town, comprador norte-americano, que quer levar caixotes de obras minhas para os novos ricos de New-York.

— E onde é o banquete?

Jorge gaguejou, olhou em volta e vendo uma taboleta de lampadas electricas ao seu lado informou:

— Aqui mesmo. No Café de Paris.

— Nesse caso não te quero prender por mais tempo... — disse Abílio. Até amanhã. Irei procurar-te ao *Claridge*.

— Eu saio cêdo.

— Estarei lá ás sete da manhã.

Despediram-se — e o pintor, avançou, com passos firmes, para o Café de Paris. Só quando entrou no vestíbulo luxuoso, se recordou da fama daquela casa — o que atraía os *Yankees* e os ingleses nababos e que devia afugentá-lo a ele, pela fama de ser o mais caro da França.

Esperou, durante algum tempo; assoou-se; acendeu um cigarro — e de esguelha examinou a rua. Mas Abílio, lendo um jornal da noite, espécara-se no mesmo sitio onde Jorge o deixara e parecia não se importar mais com a impaciencia provavel do director do *New-York Herald*.

Jorge hesitou. Se saísse, o jornalista vê-lo-hia, pela certa... E, quando buscava mentalmente a evasão daquele circulo de vaidade em que caíra prisioneiro, sentiu que duas mãos se lhe enclavinhavam na gola do casaco.

Voltou-se rapido e deu com o *chasseur* do Café, berrante na sua farda vermelha salpicada de botões amarelos, que lhe arrancava, em silencio, o sobretudo e o chapeu. Jorge previra uma catastrofe. Mas uma vez em cabelo e em *paletot*, não podia vacilar. Aprumou-se, concertou o monóculo, repuchou o lenço pendente

do casaco — e, de mãos enterradas nas algibeiras, entrou na sala, decidido a tudo.

VIII

O publico do Café de Paris parece recrutado nos transatlanticos — transatlanticos onde viajassem populações inteiras de manicómios; de evadidos daquelas casas de saude onde os morfinómanos e *cocaínistas* das grandes capitaes se macaqueiam a si próprios, no delírio dos vicios brutalmente cortados. De ombro a ombro com anglo-saxões de todas as idades, fidalgas libertinas de Londres, exibindo em decotes exagerados, os ossos do peito e o inchaço do ventre; estrelas de *cabaret* e de *music-hall,* exageradas no trajar e rebrilhando joias; sul americanas, casadoiras ruidosas, desejando, por cúmulo de snobismo, confundir-se com as *cocottes* — refesteladas pelas banquetas; *garçonnes* palestrando com societárias de *comédie;* mocinhas diafanas e virginaes fumando por boquilhas interminaveis; e a um canto, uma quarentona de cabeleira verde, ceando bananas com champanhe.

A arrogancia do pintor, a impertinencia do seu monóculo, atraíram, como um iman, a curiosidade discreta e silenciosa dos comensaes. E Jorge, apezar de conhecer perfeitamente a fama careira do restaurante, avançou, superior e desprezativo, para uma mesa desocupada.

O *maitre,* com patilhas à *lord* de melodrama, curvou-se numa serie de salamaleques; e depois de indagar, na formula obrigatoria que dirigia a todos os desconhecidos, se *Monsieur avait fait bon voyage,* estendeu-lhe, as três listas: a dos manjares, a dos vinhos e a das sobremesas.

Possivelmente Jorge, mesmo no tempo em que sentia a carteira bem recheada, fechada sob o casaco, não se teria exibido num tão grande e espectaculoso «á vontade» como naquela noite. Retirou o monoculo; e, afectando de miope, de palpebras meio-caídas roçou ao de leve o olhar pela assistencia. Depois, com aspecto de gasto e super-insensivel milionario a maçar-se já da escolha do *menú,* abriu a lista. Mas os seus olhos não seguiam a ordem natural das iguarias registadas a letras de oiro sobre o rectangulo de *couché.* Os seus olhos desceram lentamente, como por uma escada perigosa, a fila dos preços — sem se importar com os pratos a que estavam ligados.

Logo ás primeiras cifras, sobressaltou-se. Caía em si! 140 francos... 150 francos... 200 francos... 300 francos!!! O mais barato que havia era um puré com lagostins de Espanha que valia oitenta francos; umas salchichas, por quarenta fiancos, um salmonete, cento e trinta francos. Mas havia tambem uma salada russa com bolas de *coriav* por quinhentos e trinta francos!

O pintor começou a sentir o estomago a doer-lhe como se por um *récord* de guloseima tivesse ingerido todos aqueles manjares expostos, a titulos sugestivos, na lista do Café de Paris. Enguliu em sêco — e a medo olhou para a porta, a medir a distancia que o separava da rua. Mas quando levantou os olhos e se viu cercado por cinco homens que aguardavam as suas ordens, empunhando um lapis e um papel, esfriou. Era o *maître* das partilhas de lord; era o creado chefe-de-serviço; era o moço das mesas; era o creado dos vinhos; era... era um regimento inteiro de caçadores de gorgetas, farejando um negocio á volta da sua pessoa.

A retirada estava já cortada. Precisava de encontrar umas asas que o libertassem. Mas como... como? E afectando grandes ares de super-gasto e de indife-

rente a todas as maravilhas gastronómicas, Jorge, deixou a lista das iguarias — e folheou as dos vinhos e das sobremesas.

Os preços não diminuiam de exigencia — nesta segunda lista. Pelo contrário. O champanhe a seiscentos francos a garrafa. Bananas, a quarenta francos. Exemplares raros da frutaria dos tropicos a cem e duzentos francos. E os olhos de Jorge, atontados já pelo aperto da situação, e pelo nervosismo, desciam e subiam a lista, com ansias de naufragos que tenta empoleirar-se numa jangada. Em vão buscava uma tangerina que valesse vinte francos — ou um figo de doze. De subito, apoz muitas pesquizas, encontrou ao longe um oasis... Os olhos de Jorge tinham topado com uma cifra composta dum só algarismo: *oito francos!* O que podia valer, naquele restaurante fantastico, a insignificancia de oito francos? Ali estava o oásis ambicionado. Era café. Uma chícara minuscula de chicoria mil vezes falsificada, custava apenas... oito francos.

Jorge não hesitou. Fechou a lista, como o alívio de quem tivesse terminado a leitura dum tratado scientifico — e lançou para os ouvidos da creadagem que o cercava, três silabas solenes:

—*Um café!*

Entreolharam-se os creados. Os sobr'olhos peludos ergueram-se; torceram-se os labios, num ricto de desprezo; fecharam os *block-notes;* guardaram os lapis; e depois de repetirem uns para os outros, num tom que tanto podia ser de «encomenda» como de surpreza:

«— *Um café!?*

E dispersaram-se pelos quatro cantos da sala.

O pintor teve a noção nítida da triste figura que fizera! E para Jorge uma má figura era uma ferida sangrenta, uma tortura.

O moço de mesa — que a custo premia os labios para reter um sorriso de troça — serviu-lhe o café. Jorge, guloso como era, tragou-o, duma golada, sem açucar. Deixou cair, sobre a mesa uma nota de dez francos — e correu, veloz, para a porta, como se temesse um *pst!* humilhante.

Uma vez na rua, suspirou, aliviado. Abilio já se fora! Um relogio de candieiro da Avenida marcava as nove horas. Dificil seria encontrar ainda um jantar, um jantar que fosse barato — um jantar que custasse menos do que um pãozinho do Café de Paris.

Atravessou a Avenida. Tinha a vaga recordação de que, na visinhança da Ópera, havia um restaurante a preços reduzidos — restaurante que ele espreitara, com olhar de dó, nas epocas de abundancia. E ao perder-se por aquelas ruelas penumbrosas que são como os bastidores dos *boulevards* — disparou-se dentro do seu cerebro a lembrança de Yvonne.

— E ela?

Ela! Sempre ela! Onde estaria áquela hora? Na sua mansarda de Mimi, perdida entre tantas mansardas de Montmartre, onde as *midinettes* de Paris se refugiam nos minutos escassos do amor, nas horas enormes do sofrimento, da miseria e da desilusão? Choraria amargamente o abandono, no despertar daquele sonho de fantasias que ele lhe injectava como morfina? Ou, resignada, procurára e encontrára outros lábios que a beijassem, outro enganador que queimasse, junto ao seu coração, o opio doutras mentiras?

E esta segunda hipotese formigou-lhe o dorso, num arrepio de febre. E burlando-se a si proprio, para atribuir aquele *frisson* á suspeita humilhante de ter caído, estatelado do alto do coração de Yvonne, bateu com força os pés no asfalto e murmurou.

— Está frio ou sou eu que o tenho?

IX

Frente ao Ópera-Comique, na praça rectangular e encafuada entre alta casaria que lhe serve de vestíbulo, Jorge parou. Tinha ali á sua disposição três restaurantes populares. Os terraços, abandonados por causa da friagem da noite, cercados por biombos de cristal, pareciam aquarios esperando os peixes coloridos para a exposição. Cá fora, em *placards* bem emoldurados, estavam as listas. Sobre a porta, num disco de vidro iluminado por aros electricos, afixavam-se os preços das refeições: Cinco francos; quatro francos; três francos e vinte e cinco centimos.

Jorge foi pelos três francos e vinte e cinco centimos. O restaurante tinha o nome vaudevilesco de *Petit-Duc* — prometendo aos clientes por aquela ridicularia: uma sopa ou um *hors-d'oeuvre;* um prato de carne ou de peixe; um prato de legumes; uma sobremêsa; meia garrafa de vinho tinto ou branco, agua mineral, cerveja ou leite.

Entrou a medo. Mas ao constatar que a sala nada tinha de restaurante e que as mesas, cheias ainda, apezar das horas que eram, estavam abancadas por burgueses limpos e até por *midinettes* galantes, suspirou tranquilo e foi sentar-se no lugar que lhe indicaram — em frente dum sujeito, cujo rosto se ocultava por detraz dum jornal.

Havia ainda um receio — um receio bem português, bem lisboeta, bem provinciano. Se o vissem? Se o descobrissem, aproveitando um jantar a preços de Cosinha Económica? E logo a seguir, raciocinou:

— Não. Não conheço ninguem em Paris. *Monsieur de Silvá* não frequenta restaurantes pelintras. Yvonne está a estas horas ceando com as suas camaradas...

Fez rapidamente o simplicissimo *menu* que lhe permitiam os três francos e vinte e cinco.

— Sardinhas de lata! ordenou, para começar.

Trouxeram-lhe um minusculo peixe, pouco maior do que um camarão, rebrilhando, besuntado de azeite — no lago miniatural dum pires.

— Um bife!

Veiu o bife escoltado por um pelotão de batatas fritas — um rectangulo de carne ensanguentada, pouco maior do que uma cedula de dois tostões. Como legume escolheu uma salada. E como o galheteiro estava monopolizado pelo companheiro de mesa, sempre oculto por detraz do *Paris-soir*, Jorge estendeu o braço, formulando o mais francês dos lugares comuns:

— *S'il vous plait, Monsieur...*

O outro não ouvira; o pintor insistiu; o jornal caíu, como um pano de teatro — e ambos, num espanto, exclamaram:

— Tu?

— Tu?

Era ele! Eram ambos! Era Jorge Anselmo, o pintor buscado e disputado, o que ía jantar ao Café de Paris, que se defrontava, de subito, com Abílio Santana, o jornalista «az», aquele para que se tinham escancarado as portas do *Matin* e que fôra convidado pelo director-vivo do *New-York Herald* a comer no *Paillard* dos principes, — o Paillard do Boulevard dos Italianos. Pelo visto, ambos tinham desistido dos seus banquetes estilizados, a preço de joias — para se reunirem, sem previa combinação, á mesma mesa do mesmo restaurante de três francos e vinte e cinco...

Se a mola dum misterioso ilusionista tivesse erguido ali, ao meio da mesa, um espelho, que a ambos reproduzisse os rostos, mais semelhantes não podiam ser as suas expressões de atontamento, quasi aparva-

lhado.

O amante frente ao marido traído; o ladrão surpreendido em flagrante delito; a virgem que se sente descôberta em plena nudez — não sofreriam, de certo, mais aflictiva ânsia de vôo e de desaparecimento, do que aqueles dois portugueses.

Emquanto os olhares se fixavam, colando-se num só olhar; emquanto as suas bôcas, como as dos heroes do cinema, se moviam sem produzir um som — os seus cerebros, trabalhavam, febrilmente, á busca duma explicação, duma desculpa que convencesse o outro.

Rodaram minutos, num silencio de angustia — sem que a ideia, a desculpa, a explicação viesse em seu auxilio. E a carranca que ambos tinham afivelado começou a suavizar-se pouco a pouco, na mútua observação dos seus embaraços — até surgir um sorriso— sorriso leve, inapercebivel ao principio, largo a toda a bôca, depois — e por fim rematado por duas gargalhadas.

— Jorge...

— Abílio...

— Tu mentiste-me...

— E tu?

— Eu? E' possivel... E tu?

Nova gargalhada:

— Eu tambem!

Sentiram-se ambos aliviados como se, após um banquete de Baltazar desabotoassem os coletes.

— Nesse caso o teu comprador americano, os teus negociantes judeus, os teus quadros, o teu jantar no Café de Paris?...

— Eram iguais aos teus contractos com o *Matin* e com a *Illustration*... Iguais á tua bacanal no *Paillard* com o director do *New-York Herald*...

Abilio alegre, bebeu dum trago o resto de vinho

que restava da ração — e tomando uma atitude de mesa do Martinho, predispôs-se ás confidencias:

— Eu vim á tôa. Estava mal de *massas* em Lisboa e *cravei* um parente com um conto de reis. O meu padrinho ficou de me mandar trezentos francos por mez e o *Tempo* pagar-me duas cronicas por semana a trinta escudos cada. Ora adeus, meu velho! Só no primeiro mês cumpriram as promessas — e já cá estou ha três. Sabe Deus como tenho vivido. Já conheço o que é fome.

E estendido sobre a mesa, para cochichar ao ouvido do amigo o seu grande segredo, informou:

— Ultimamente alimentava-me aos goles de leite e *brioches* ao domicilio...

— Serviço da Assistencia parisiense?

— Eu me explico. Tu sabes que os leiteiros costumam levar a certos lares, todas as manhãs, uma garrafa de leite que deixam dependurada no fecho da porta e um pacote de bolos que fica equilibrado sobre a garrafa. Quando a fome apertou, tive a genial ideia de aproveitar a ingenua confiança dos leiteiros de Paris. Cada manhã, escolhia uma rua. Entrava no predio, cumprimentava a porteira, subia ao primeiro andar, engulia á pressa um *brioche* ou um *croissant*, tomava umas goladas de leite e seguia a outro patamar, onde repetia a façanha. E terminada a exploração naquele predio, ia ao predio do lado, e ao outro, e ao outro. Uma verdadeira pançada. Nenhum medico conseguiu até hoje de mim um regimen tão saudavel como este a que as surprezas da grande capital me obrigaram.

«De volta e meia, encontro um compatriota e *cravo-o* com uns francos. Pago o quarto adiantado e como refeições de gente, nos restaurantes baratos. Ante-ontem foi o Dr. Afonso Costa — mas dos vinte «paus» do ilustre politico restam-me apenas os qua-

tro francos para o jantar e para a gorgeta.
Suspirou fundo. E num optimismo boemio, rematou:
— Estou sem quarto; irei dormitar pelos bancos — mas, caramba! — não troco esta miseria por Lisboa. Morrer de fome, por morrer de fome, vale mais acabar em frente do Teatro da Opera ou da Torre Eiffel, do que numa agua furtada do Bairro Alto.
Jorge escutara o amigo em silencio. Aquele bom humor atravez da miseria, aquele á vontade com que o Acaso os favorecera, evitando-lhe a continuação do mutuo embuste, dera ao seu espirito uma dôce acalmia. No seu cerebro rodava agora toda a engrenagem da imaginação, no fabrico duma *trouvaille* que a ambos aproveitasse.
— Estás sem quarto e sem ter que comer, não é verdade? — indagou.
— Exacto!
— Queres passar a dormir num bom quarto, com *chauffage* e *édredons* de seda?
— Não mangues com a miseria...
— Queres ter uns dias de bom alimento e melhor vinho?
— Que pergunta!
— Nesse caso... obedece-me.
Abílio examinou, curioso, o amigo, para se certificar que estava falando a sério. Jorge avisou-o:
— Tudo depende do teu sobretudo.
O jornalista apontando para uma peliça falsificada mas vistosa, que dependurara no cabide, elogiou-a patrioticamente:
—E' uma obra prima da alfaiateria lusitana!
Jorge levantou-se, examinou-a de perto e concluiu:
— Serve... Paga a conta depressa e vamos...
— Para onde?
— Para o paraizo!

X

Cá fora, o ar esfriara mais ainda. Uma neblina densa parecia fechal-os em foscas redomas agigantadas. O asfalto, humido, espelhava. A luz dos arcos voltaicos, entornada sobre os passeios, encharcava-os de tinta azul.

Pararam frente ao Teatro da Opera Comica; acenderam os cigarros; e Abílio, mordido de curiosidade, lançou um mudo olhar de interrogação ao pintor.

Jorge vacilava, circunvagando a vista, como buscando um caminho. E lamentou:

— A estas... a estas horas...

Abílio, com o cigarro ao canto da bôca, um olho fechado para evitar o fumo, aproximou-se mais e indagou, num tom cumplice, em vespera de façanha:

— Mas que diabo andas tu a congeminar?

— E' cá um misterio!

— E que procuras agora?

— Uma mala.

— As minhas ficaram no ultimo hotel como penhor...

Novo silencio.

— E para que é que nos vae servir uma mala?

— Para te garantir o tecto esta noite; para nos garantir os tectos durante algumas noites — e a «paparoca»...

— Se pensas em me alimentar com a «mala», compra-a de coiro macio, porque os meus dentes são pouco resistentes...

Mas Jorge já não o escutava. Tinha encontrado...

— Lembro-me que uma noite, ao voltar duma *tournée* pelos *caveaux* das Halles, vi, numa das ruas irradiadas da praça, uma lojeca de ferro-velho aberta. Vamos lá... Talvez haja o que necessitâmos.

Tomaram um taxi e apearam-se frente a um dos enormes pavilhões de ferro das Halles. Um cheiro intenso a queijos, a criação morta, a penas molhadas, a carne fresca atafulhou-lhes as narinas.

— Deixa-me orientar... disse Jorge — recordo-me que tendo ido, com duas «loiras» do Folies, passar a noite á cave do «Andreant» beberricar um vinho de Bordeus horrivel e vêr bailar os apaches...

— A cave do «Andreant» é ali — indicou Abílio, espetando um dedo.

— Então estamos próximos.

Pelo caminho, Abílio, bem informado, contou:

— Conheces «Andreant»? Sim? Apresentaram-me outro o dia, no «Troika»...

— No «Troika»? fez Jorge, surpreendido. Mas «Andreant» é um apache autentico, dos que dão assunto aos folhetinistas, dos que são copiados pelos actores, no trajo, na maquillage e nas expressões... Como é que um homem como ele tem livre entrada no «Troika», que é um «cabaret» de luxuosa *mise-en-scène* e de frequencia mundana e chic?

Riu-se Abílio, da ingenuidade do amigo:

— «Andreant» é um «magico», um habil explorador de estrangeiros — e nada mais. Foi em tempos actor e dançarino de «music-hall». Foi ele o inventor da «dança apache». A moda «pegou»; Mistinguett de fato negro e lenço vermelho popularizou-a, bailando-a com Max Dearly. E como nessa epoca — ahi por volta de 1910 — os russos milionarios faziam de Paris o quartel-general das suas festanças, creou-se a «tournée» dos Grand-Duques para visitar caves de apaches. «Andreant» viu o negocio, inventou a sua «cave» como tinha inventado a dança; scenografou-a como se fôsse servir para peça de grandes espectáculos, vestiu-se de apache — fato de veludo, calças muito largas em cima, afinadas em volta dos tornozelos,

boina tombada sobre os olhos; — contratou outros apaches, tão apaches como ele — e ei-lo a fazer fortuna.

«Mais tarde, apareceu a moda do tango. Paris começou a sofrer uma tangomania. E «Andreant» não hesitou. Crismou-se de *Perrico del Ganzo*, vestiu-se de *gaucho*, naturalisou-se argentino — e como argentino fundou o «cabaret» do Rosario, por detraz da Rua Royale. Mais tarde, a moda, leviana como uma mulher, mudou de pouso, mudou de dança, mudou de raça. — A *após-guerra* trouxe a Paris a russomania. Pois bem: ei-lo russo, vestido de cossaco, punhaes dependurados ao peito. No «Troika» chama-se Yvan Karineff, é ex-oficial da guarda imperial, e martir dos bolchevistas.

— Mas eu, na noite que fui á *cave* — vi-o vestido de apache, a bailar com uma esguia *gigolette* de pequeno seio de Sherazade e olhos canalhas.

— Isso não quer dizer nada. «Andreant» não abandonou jámais o seu primeiro negocio; e, trabalhe onde trabalhar, vem todas as noites, desengonçar-se na dança apache á sua *cave*. E a *gigolette* que tu lá viste é uma autêntica *gigolette* que vive com ele, convencida de que se meteu no coração dum autentico apache.

— E' uma bela *blague*, — comentou Jorge.

— Não é uma *blague* — é uma historia de amor. «Andreant» sabia por experiencia quão esquivas são essas mulheres para todos os homens que não sejam verdadeiros apaches. Existe, de facto, uma seita que só as deixa unir de alma e coração com gente da sua laia. Ora «Andreant» estava enamorado a valer por essa mocinha galante e perversa, autentica heroína dos romances sangrentos de Pierre Souvestre e Marcel Allain. Para a conquistar, mentiu-lhe sobre a sua verdadeira personalidade e sugestionou-a. Ela crê

piamente que vive com um apache. Para a conservar, dôce e carinhosa, fiel aos seus beijos, amante das suas caricias, teve... teve...

— Desembucha, homem!

— Teve de tornar-se seu *souteneur*, seu *maquereau*, seu *mangeur-en-blanc*. Bate-lhe e chora depois. Pede-lhe dinheiro; exige-lhe dinheiro; arranca-lhe o dinheiro pela violencia e vai a seguir depositá-lo, em nome dela, num Banco qualquer, para lho restituir quando o idilio terminar. Se ele não procedesse assim, se não a espancasse, se não a explorasse, ha muito tempo que a *gigolette* o teria abandonado ou pelo menos traído com outro homem — com qualquer apache autêntico, melenudo e gingão.

E com um suspiro e ares de entendido, acrescentou:

— Que queres tu, meu velho? O amor vive de mentiras. A mulher que se enamora não ama o amante ou o noivo, na verdade da sua alma, da sua inteligencia, mas sim o personagem que a sua imaginação fantasiou. No dia em que a *gigolette* sonhar que o amante é um quasi honrado artista, que vive de espernear é um quasi honrado artista, que vive de espernear danças estrangeiras e de vestir-se de apache, de gaucho ou de cossaco —; no dia que souber que ele lhe batia com repugnancia de si proprio; que lhe esvasiava o *porte-monnaie* para lhe guardar o dinheiro num banco, a *gigolette* ter-lhe ha um odio feroz.

Jorge Anselmo ficou apreensivo com a modesta filosofia de Abílio e com o exemplo de «Andreant». Tambem ele se transformara, se maquilhara, se mascarara para conquistar o amor de Yvonne. Mentira-lhe, fantasiando-se de milionário, atribuindo-se castelo e terras e autos e venturas que não possuia. Que obtivera ele com os seus embustes? Que Yvonne amasse um outro — um outro Jorge Anselmo rico e

venturoso, um homem — tentação; um homem que valia a pena amar porque pagava os beijos que beijava com o ouro de todas as felicidades. E assim, quando a verdade surgisse — o que era inevitavel — e as falsidades caissem como caiem as tintas duma maquilhage sob uma esponja humida; e esse homem rico e nobre desaparecesse — ficava apenas um pobre ambicioso sem expediente, sem qualidades para a lucta que nem sequer a poderia manter na modestia a que estava habituada.

E tão atormentado ía, chicoteado pelo seu proprio raciocinio e pela visão de perder Yvonne — que se esquecera de Abílio e exclamou em voz alta:

— Maldita mania das grandezas!

Abílio, assustado, inquiriu:

— Que diabo estás tu a dizer?

Jorge despertando, gaguejou:

— E' cá uma cousa...

E vendo surgir, como a chama de um fosforo que se acendesse na penumbra da rua, uma luz amarelenta e suja, anunciou:

— Eis o nosso ferro velho.

XI

A porta do ferro velho era estreita, como a tampa dum caixão. E pouco maior do que um caixão, o vestíbulo. Do tecto dependurava-se uma lampada, tão sonolenta que mais parecia a luz duma vela.

Sob os pés dos dois portugueses abria-se um alçapão. Contaram doze degraus. Lá em baixo, num compartimento rectangular, outra lampada, tão mortiça como a da entrada, iluminava as velharias expostas. Um fartum a humidades, roupas velhas e cemitério,

empéstava a atmosfera...

Ás prateleiras estavam atafulhadas de farragens. Rouparia de todos os géneros e de todas as idades suspensa nos cabides. Pelos cantos, montes de livros e louças e sacos de papel. Dir-se-hia uma praia atapetada pelos despojos dum naufrágio.

Destacando-se do escuro, veio para Abílio um velho escanzelado, de barba branca a ponteagudar-lhe o rosto hebraico e de barrete de seda negra, ao alto da cabeça:

— Desejam vender? — indagou.

Abílio, ao ouvido de Jorge, segredou:

— Deve ser um receptador e toma-nos por gatunos estrangeiros á procura de colocação de joias surripiadas dalgum hotel.

O pintor tomando a palavra, disse:

— Desejavamos uma mala de viagem...

O judeu olhou em volta; foi desarrumar uma pirâmide de caixotes e indicou uma velha e falsificada «Dougles» de cartão a fingir couro da Russia, e com os metaes da fechadura a brilharem, de polidos.

— Quanto?

— Cem francos.

Jorge soltou uma gargalhada.

Monsieur ria-se da insignificancia do preço — insinuou o ferro-velho, com velhacaria.

— Rio-me porque você tomou-nos por milionários...

— Por «centenarios», visto pensar que possuimos cem francos! — rectificou Abílio.

Jorge, explicou:

— Somos emprezarios duma *tournée* teatral que parte amanhã para a provincia. Necessitamos da mala, para adereço de scena. Já vê que não somos pessoas para pagar generosamente.

O judeu, que se convencera ao principio de que

aqueles senhores estavam á altura da sua clientela habitual — recrutada toda ela na ladroagem de Paris — ao ouvir falar de *tournées* e de teatro, teve um tregeito de desprezo e encolhendo os ombros, pensou, naturalmente, que a gente honrada era pouco generosa e duma pelintrice digna de piedade:

— Quanto dá?

— Vinte francos.

Tornou a encolher os ombros e nem sequer regateou:

— Está bem! Seja!

Entreolharam-se os dois portugueses. Jorge abriu a carteira e viu que lhe restava apenas algumas notas de dez. Pagou — e pediu:

— Como a mala deve ir já para a estação e como representamos já amanhã á noite, dá-me licença que lhe dê aqui mesmo uns retoques, necessarios á scena?

—E' vontade...

Este «á vontade» — era muito relativo. E o judeu, temendo caír numa cilada, foi colocar-se entre portas, de mãos cruzadas atraz das costas, para melhor vigiar os movimentos dos fregueses e para poder cortar-lhe a retirada em caso de suspeita.

Jorge então, sacudido por uma brusca actividade, despiu o casaco, retirou dum bolso uma pequena caixa de tintas que sempre o acompanhava; e molhando um pequeno pincel, o unico que possuía, numa tigela de de agua, destinada seguramente á sede de qualquer gato do adelo, começou o trabalho.

— Mas que diabo vaes tu fazer, oh Jorge?

— Estampilhar a mala!

E foi!

Pouco a pouco começaram a aparecer, pintadas sobre o falso couro da mala, etiquetas de hoteis: o «Splendor» do Cairo, a letras vermelhas frente ás piramides; o «Pera-Palace» de Constantinopla, a letras

azues, sob um fundo de cupulas bizantinas; o «Savoy» de Londres, metido num triangulo cinzento; o «Ritz» de Madrid, encimado por uma corôa real; o «Avenida Palace» de Lisboa, a verde sobre o branco; o «Magestic», de Buenos Aires; e por ultimo — a etiqueta enorme, berrante representando um «pica-ceus» de trinta andares e com o titulo de «Pensylvania-Hotel», New-York.

Abílio estava aparvalhado; os seus olhos fatigavam-se ante a visão de tantas terras, como se de facto, regressasse agora das longas viagens registadas no couro da mala pelas falsas etiquetas de doze hoteis. E quando Jorge terminou o trabalho, aproximou-se tanto, tanto da mala, que o amigo o afastou:

— Olha que vaes borrar a pintura!

Recuaram ambos, como em frente dum quadro, para melhor apreciarem os efeitos. O proprio ferro-velho, interessado e já confiado, deixou a sentinela da porta e veio apreciar a obra do cliente:

— Magnífico! — opinou. — Até parece que são de papel e que foram coladas á mala!

Voltando-se para Jorge, que vestia o casaco, quiz saber a que peça era destinada aquela adereço.

— E' uma comédia que ainda não se estreou em Paris — exclamou o pintor. Intitula-se: *Deux portugais en la purée.*

Abílio estava impaciente — como espectador que se deixa apaixonar pela teia dum melodrama, e ambiciona chegar ao último acto para ter a explicação do «misterio».

— Vamos?

— Ainda não. E' preciso deixar secar.

Entretanto Jorge vasculhava as prateleiras. Ao fundo, semi-escondido por detraz de garrafas de champagne e de chávenas desasadas, topou com placas de ferro, pesos de mercearia, ferrugentos e possivelmen-

te ilegaes.

— Por quanto me vende três dêsses pesos? inquiriu.

— Dos de dez quilos?

— Sim, podem ser de dez quilos.

— Dez francos cada.

— Dou cinco pelos três.

O judeu não estava para discussões naquela noite. E em silencio, retirou os pezos e entregou-os a Jorge.

— Levo-os dentro da mala. Tambem os necessito para um drama intitulado *Monsieur Vigario*. Olhe... para que não vão soltos, dê-me uma corda.

O ferro-velho estendeu uns metros de corda, dizendo:

— Cinco francos!

— Cinco francos por uma corda tão velha? Só se tem o valor historico de ser a mesma com que se enforcou o seu avô Judas...

O judeu sorriu-se, humilde e com a concha da mão aberta para receber o dinheiro. O pintor pagou-lhe um franco. A seguir foi-se á mala, abriu-a, enlaçou os pesos e prendeu-os á travessa do fundo.

— Bem. Agora podemos partir.

Ambos ergueram a mala pelas azas de couro e trouxeram-na para o passeio. Esperaram por um taxi, que não tardou a aparecer. Depositaram-na ao lado do *chauffeur*:

— Para onde vamos?

— Rua Montmartre, 47, Hotel de Liverpool.

Entraram e o carro pôs-se em marcha, buzinando.

Afundados na penunbra, mantiveram-se em silencio durante alguns minutos. Ao passarem de novo pelas *Halles*, Abílio não poude mais:

— Mas que quer dizer tudo isto, Jorge?

Jorge encolheu os ombros e em vez de responder, indagou:

— Tens luvas?
— Indiscreto...
— Tens ou não tens?
— Não tenho.
— Pois devias ter.
E entregando-lhe as suas, disse:
— Calça-as. E' preciso que apareças de luvas.
O auto parara. A Rua Montmartre atingira a febre da sua maior animação. Os *cabarets* pirilampeaavam as suas lâmpadas coloridas. A' porta do «Palace» as campanulas da T. S. F. lançavam aos ouvidos da multidão as cançonetas que estavam cantarolando no palco. As portas do *Fantasio*, todo vermelho, a recordar qualquer templo misterioso dos confins da India engulia, sem cess r, gente de *smocking*, extrangeiras decotadas, mundanas pingadas de joias.
O criado que estava á porta do hotel, correra a receber os recem-chegados e a carregar com a mala. Ao dar com Jorge, estacou a fita-lo, desconfiado.
Mas Jorge, afectando grande intimidade preguntou:
— Madame Dorient?
— Está no escritorio.
— Bom... vá levando a mala do meu primo para o vestibulo.
E entrou, ruidoso e alegre, pelo *hall* vazio. Madame Dorient saiu do escritório, de oculos sobre a testa, com o sorriso profissional estereotipado nos labios. Mas ao vêr Jorge, acertou os oculos, o sorriso fundiu-se como um bloco de gêlo na Saharà e apoiando as mãos sobre o parapeito, preguntou:
— Vem liquidar as suas contas?
O pintor, com o ar ironico de quem possue os trunfos e sabe que acabará por vencer o parceiro fanfarrão, acercou-se mais da hoteleira e respondeu, fitando-a nos olhos:

— Não venho fazer liquidações.
— Nesse caso...
— Não venho pagar — mas venho provar-lhe que, apezar das suas intolerancias comigo — eu quero-lhe muito, quero-lhe como se fosse minha mãe.
Aquela imagem literario-sentimental, de lhe chamar *mãe*, não agradou a Madame Dorient, solteirona e inimiga feroz do sexo forte. Irritada, cortou a fraze:
— Se eu fosse sua mãe, o senhor seria pontual nas suas contas.
— Não se zangue inutilmente, Madame Dorient. Quero eu dizer que vou recompensar as suas coleras e as suas más vontades com um gesto de amizade.
E indicando Abílio que perto da porta, onde por prudencia ficara, ia seguindo, curioso, as surpresas prometidas pelo amigo, explicou:
— Este senhor que ali está é o meu primo Abílio de *Santaná*...
—Satanaz? — murmurou a hoteleira, desconfiada.
— Qual Satanaz. Santaná, o conhecido industrial, o grande fabricante de conservas e o maior negociante de Portugal.
— Não conheço...
— Conhece, sim. O que não liga é o nome á pessôa. E' ele que exporta todas as ostras que se vendem em Paris sob a etiqueta de *portugaises!*
— Ah! Agora...
— Lembra-se? Pois bem... O meu primo acaba de dar a volta ao mundo... (Madame Dorient começou a olha-lo com a admiração de todos os parisienses incapazes de viajarem para além da *banlieue*). Chegou esta noite de Cherbourg. Fui esperá-lo á estação. Queria ir para o Claridge... (Ar de despeito da hoteleira). Não deixei e obriguei-o a vir para a sua casa. Ele resistiu... Pudera: está já habituado aos grandes hoteis americanos! (A hoteleira deixou-se seduzir).

Por fim, lá o arrastei, movido apenas pelo grande interesse de lhe proporcionar um bom cliente — um cliente como nunca teve outro...

Abílio, que seguia o desfile de mentiras do amigo, contendo a custo o riso — e olhando sempre de esguelha para a porta, para fugir quando fôsse necessario, tranquilizou-se com o ar amavel com que a hoteleira abandonara o lugar para vir recebê-lo. E foi ao seu encontro.

— Um grande prazer em conhece-lo...

Desorientado, Abílio ia a corresponder ao cumprimento com o entusiasmo denunciador de toda a mentira. Foi preciso que Jorge interviesse e lhe exigisse em português:

— Muda de cara, palerma. Faz-te carrancudo... Toma o ar de quem se sente repugnado pela modestia do hotel.

O jornalista obedeceu — mas exagerou por tal forma a ginastica histriónica, que assustou a hoteleira.

— O seu primo não está contente?

— Está... mas receia que não lhe possam oferecer um *appartement* condigno da sua pessoa.

— Ora essa? Tão confortavel e bem mobilado como no *Claridge* ou no Grande Hotel. Quantas *pièces* deseja?

Abílio gaguejou. Jorge apressou-se para evitar qualquer *gaffe*.

— Quarto, sala de banho, saleta e escritorio.

Foi a vez da hoteleira gaguejar tambem:

— Tudo junto, não... não possuo. Mas quarto e sala de banho, sim — no primeiro andar.

— Conformas-te? indagou o pintor.

— Resigno-me! respondeu Abílio.

— E o preço?

Madame Dorient queria bem aproveitar a oportunidade. Fingiu que não ouvira á primeira vez para fa-

zer os seus calculos de cabeça Por fim arriscou:

— Cem francos por dia.

Sorriu-se Jorge com o ar de quem diz: «Que miseria!» Sorriu-se Abílio, com a expressão de quem pensa: «Que bagatela!» Sorriu-se a Madame Dorient, contrariada e dizendo para si: «Que tola que fui! Podia ter pedido o dobro»!

— E a bagagem?

Jorge indicou a mala que tinha sido scenografada pelos seus pinceis. Madame Dorient examinou-a detalhadamente, como se cada falsa etiqueta pintada, fosse um carimbo de credito.

— E é só essa mala?

— Isso sim! São dezenas de malas. Ficaram em Cherbourg. Veem amanhã ou depois. E uma pregunta, Madame. O meu primo vem cansado e adoentado. E'-lhes mais agradavel comer em casa do que no restaurante. Podia fornecer-lhe as refeições no seu *appartement?*

— Decerto!

— Mas olhe que o meu primo em questões de comida, é exigente.

— Ficará satisfeito, descance.

No momento em que iam subir ao primeiro andar Abílio afastou-se do amigo e aproximando-se da hoteleira esteve a cochichar-lhe fôsse o que fôsse ao ouvido. Jorge, já a meio da escada, vigiava-o assustado, temendo que uma imprudencia do jornalista viesse deitar a terra aquele castelo de cartas. Foram minutos que incharam, no meu cerebro, como horas. Quando Abílio voltou para junto dele, interrogou-o, aflictivo e precipitado:

— Que estiveste tu a dizer, homem de Deus?

Abílio tomou pose e em tom de superioridade, explicou:

— Fui corresponder á tua gentileza desta noite...

— Não compreendo, palavra...

— Não tiveste tu a generosidade de me arranjares habitação e comida por uns tempos?

— E' exato!

— Pois bem. Eu fui ter com a hoteleira e perguntei-lhe com ar de parente rico e condescendente:

«— O meu primo tem alguma conta em atrazo, cá no hotel?...

«— Tem, sim senhor... — disse logo Madame Dorient, num alvoroço.

«— Ah! Estes rapazes! Estes rapazes! exclamei eu. E depois, abaixando a voz, ordenei:

«— Ouça, Madame Dorient: ponha tudo isso na minha conta. Eu pago por ele! Não quero que um Jorge Anselmo de Santana tenha dividas num hotel, como qualquer valdevinos estrangeiro que vem á aventura para Paris...

XII

... Anichado no portal da Rua Montmartre, onde se recolhera, Jorge viu passar, pela embocadura dos *boulevards* o trio das *midinettes*. Yvonne no meio, dando os braços ás duas amigas, ás duas camaradas do *atelier* e da mansarda de Mimi, no alto da colina — e repetiu:

— Tem os olhos vermelhos de chorar! Pobre Yvonne!

E a palavra «pobre» saíra-lhe dos labios como um soluço. Pobre Yvonne e pobre dele! Esperanças, não lhe restavam. A sua aventura de Paris era, mal comparada, um funil. Entrara na capital da luz, pelo bocal amplo e acolhedor que o conduzira ao estrangulamento que era a sua situação actual. E quanto mais

caminhasse, atraído pelo minúsculo ponto de luz da ultima utopia, mais se estreitava o funil, mais dificeis eram os seus passos, maior a asfixia da sua vida.

Abílio abandonara-o. Oito dias de hotel sem pagar, o primeiro aviso da patrôa tinha bastado para que o jornalista desertasse, medroso e assustado. E ele ficara sósinho em campo, sem coragem para uma iniciativa, sem instinto de defeza, inactivo e covarde, mentindo sempre a si próprio, na esperança dum imprevisto, duma carta registada, duma herança ou dum encontro feliz.

A fuga de Abílio agravara-o. Madame Dorient, em cólera, por se sentir burlada, manivelava o torniquete, até ao extremo da expulsão. E as palavras da hoteleira, ficavam-lhe os ouvido como zumbidos de febre.

— Ou me paga esta tarde — ou não terá a chave do seu quarto. Isto aqui não é asilo!

Pagar? E onde iria buscar o dinheiro? O ultimo objecto de valor que lhe restava — o relogio — repousava nos escaninhos do Montepio e dele ficara apenas, como recordação, a cautela de penhor.

Não podia voltar ao hotel. O seu orgulho preferia o frio, a fome, a morte, á humilhação dos insultos da patrôa, deante de toda a gente, deante de qualquer *miss* romantica que o tivesse olhado com simpatia amorosa. E encostado ao humbral, procurando em vão um cigarro nas algibeiras vazias, recordava as suas convicções faceis, de fumador de fantasias, quando de Lisboa ante-via Paris, acolhedor, oferecendo-lhe os *salons* para os seus quadros, paginas de *magazines* para os seus bonecos, a gloria para a sua vaidade, a riqueza para as suas ambições.

Verdade, verdade, ele sentia-se impotente para a lucta — e sem lucta não se alcança vitoria em Paris. Suaves tinham sido para ele as batalhas de Portugal. Poucos concorrentes, e exitos ao alcance dos medio-

cres. Bastara uma ligeira esgrima de pinceis para se aureolar com prosapias de vencedor. Mas em Paris, com os grandes exercitos de pretendentes, fileiras cerradas nos patamares da glória, odiando o estrangeiro por fraqueza — indispensável era o musculo e a resistência, a par do talento, para se guindar ao trono desejado.

Tentara trabalhar; esboçara guerrilhas com a vida; — mas logo á primeira dificuldade, o orgulho sangrava como ferido de morte e fugia, basofiando altivez, valentias e superioridades, que apenas ocultavam a vergonha da derrota, covardia e debilidade.

A recepção que lhe fizera *Monsieur de Silvá,* assustara-o, cortara-lhe a energia. Depois do fracasso, subira ainda com aprumo napoleonico, ao segundo andar da *Vie Parisiense,* sobraçando a pasta com a bonecada. Na ante-camara do Director artistico, abichavam-se dezenas de artistas, de aspecto humilde e paciente. Flanqueara os grupos, disposto a encabeçar a *fila,* como senhor da casa que não tem o hábito de esperar a vez. Os outros fuzilaram-no com olhares de inveja. Essa inveja agradara-lhe e dera-lhe decisão e optimismo. Mas veiu o contínuo, de lunetas acavaladas no nariz chato e mirara-o, de alto a baixo, como se o seu corpo, o seu fato e o seu rôsto, fossem amostras do seu talento de pintor. E indagara, cruzando as mãos atraz das costas:

— Que deseja?

— Falar ao director.

— Tem o *rendez-vous* marcado?

Jorge, que sentira bruscamente a curiosidade dos outros artistas cerca-lo de perto; que sentira a inveja que o lisongeava transformada em vagos sorrisos de ironia, titubiou, olhando a porta, com ganas de fugir:

— Não tenho... mas...

— *Mais... quoi?*

— Sou o pintor Jorge Anselmo... de *Lisbonne.*

Pior a emenda. Os sorrisos de ironia alargaram-se em risos mudos de desprezo. Com as pálpebras semi-cerradas percebeu alguns encolher de ombros. E o continuo, carrancudo, desenlaçou as mãos para espetar o dedo para o fundo da sala:

— Espere a vez... Tem á sua frente vinte e duas visitas. Duvido que seja recebido hoje.

O português, cabisbaixo, tossindo como se fôsse um bronquitico, para explicar o rubor que lhe avermelhava as faces, dirigiu-se, em linha recta, para a porta. E ao saír, ouviu ainda o continuo dizer para os que esperavam a vez, servis e pacientes:

— *Toujours des étrangers!*

No dia seguinte visitou um negociante de quadros da outra margem — proximo da Rua de Bonaparte. Oferecera-lhe umas aguarelas; gozara durante alguns minutos, o alvoroço de quem julga ter alcançado o segredo da vitória. Chegara mesmo a falar em exposição permanente, em comissões de venda. Ao exibir-lhe algumas das suas telas ouvira o gorgeio dos elogios: — *Ah! C'est beau! Ah! c'est vraiment beau! Voilá du admirable!*

E escutára, uma cifra:

— Dez mil francos!

Dez mil francos? Mas isso era o principio da fortuna! Dez mil francos por aquelas duas telas que ele colorira em dez dias, representava mil francos por dia, trinta mil por mez, trezentos e sessenta e seis por ano. E de novo lhe bailaram frente á pupila comovida os sonhos do *Martinho,* as *avants-prèmieres,* o auto, os chás do Ritz e de *George V,* os *cabarets* todas as noites, a vila de Neuilly, as passeatas ao Oriente, as vegeliaturas nos postaes azues de Nice e de Monte-Carlo. E trémulo e impaciente, temendo que a sorte batesse as asas e se lhe escapasse por entre os

seus dedos, exclamou:

— Fecho o negocio!

— Nesse caso — inquiriu o negociante — entra já com soma combinada ou com um sinal?

Não acreditando no que ouvia, inquiriu:

— Mas... qual soma?

— Os dez mil francos!

— Mas sou eu quem entra com o dinheiro?

— Pois decerto...

— Então eu vendo-lhe os quadros e ainda por cima pago?

O *marchand de tableau,* fricionando as mãos e ocultando um sorriso que era uma mistura de desencanto e de troça pela ingenuidade do neófito, explicou:

— Mas é um costume estabelecido, meu caro senhor. Os seus quadros podem ser geniaes — mas o seu nome é desconhecido. Para que o nome se popularize, para que crie fama, para que busquem e paguem as suas obras — é necessario te-los em exposição, longos meses — e longos anos até, numa galaria bem frequentada como esta. Ora eu possuo já pouco espaço para os mestres, para os de venda garantida. Se consinto em dependurar os seus trabalhos nas minhas salas — necessito logicamente, duma indemnização. Por simpatia por si e pelo seu talento, divido comigo próprio os prejuizos inevitaveis e peço-lhe apenas dez mil francos, que é uma ridicularia.

Esta ultima desilusão acabara por desorientar Jorge. Não podia dar mais um passo, esboçar uma tentativa. Ficara vencido! E naquela manhã, expulso do hotel, sem vislumbrar a hipótese do almoço, resolvera deixar-se naufragar no mar alto de Paris, sem sequer esbracejar num gesto de nadador, na ultima ânsia de salvação — resignado a tudo, até a morrer á fome e ao frio.

Abandonou o portal e começou a vagabundear pela

cidade, sem destino, ora apressado como se o esperassem impacientes, ora vagaroso, como um turista que quer saborear o passeio.

A vida deixou de ter, para a sua consciencia, o ritmo dos minutos, das horas, dos dias; as nuances do movimento, as irregularidades do ruido e da animação. Tudo á sua volta se mecanizou em fantoches, sem alma, em scenario de sonho, movido por um engenho insensivel. Fantoche insensivel era ele proprio, caminhando como um automato, sem sentir, sem ver, quasi sem sofrer.

Veio a hora do almoço: as correrias das *midinettes;* as enchentes dos restaurantes. Veio a hora das compras: os armazens atafulhados; as congestões da circulação. Veio a hora do *tea* e do desfile dos manequins dos *ateliers* — o desfile do *tout-Paris:* os autos a despejarem mulheres formosamente vestidas, consteladas de joias; as casas de chá a engulirem princesas e reis incognitos. Veio a hora do amor proíbido, dos rostos cobertos de veus densos a entrarem, assustados, nos hoteis, seguidos por jovens oficiais perfumados e por pançudos burgueses, ante gozando as delícias do pecado, fumando charutos interminaveis. Veio a hora do jantar, a hora do amor romantico, dos grandes beijos publicos servidos deante de toda a gente; a hora em que Paris se despeja, em que as ruas se alargam para deixar passar os casaes de namorados, muito juntos, espectadores dos cinemas e dos teatros ainda por abrir; a hora em que os vendedores de jornaes apregoam melancolicamente, com voz nasal de velho fonografo o *Paris-Soir* e o *Intransigeant,* sem que ninguem os ouça. Veio a hora dos espectaculos, em que as fachadas se incendeiam no brazido electrico dos anuncios; em que os teatros e os *dancings* bordam a ouro, a vermelho, a verde os cartazes gigantescos. Veio a hora dos *cabarets;* a hora do

amor maldito dos *trottoirs;* dos segredos perversos cochichados por bocas em que o carmin oculta o sangue das feridas. Veio por fim a madrugada, em que as ruas ficam sem viv'alma; em que os agentes ciclistas, de pistolão á cinta, pedalam, velozes, como que perseguindo apaches invisiveis, apaches de romance policial, apaches que acabassem de assassinar, no esconso duma rua sombria, um noctivago imprudente.

... E Jorge Anselmo, insensivel á fome, insensivel ao frio, caminhava sempre, esquecido no opio da sua fantasia, e sonhando apenas com a ventura singela dum lar, dum quarto de mansarda onde ele amasse Yvonne, sob a caricia tépida duma *chauffage,* proximo ao repouso dum leito fôfo, de lençoes de linho — leito que seria o altar do seu amor, que seria o jardim encantado onde florissem os filhos; que fôsse, ao cabo longinquo da sua existencia o lago misterioso da morte, onde ele imergisse para sempre, num adormecer cheio de paz e de calma...

XIII

Ao desbotarem as negruras da noite, quando a luz dos arcos voltaicos empalidece e o ceu se acinzenta — começou a chuviscar. Ao princípio parecia a neblina a desfazer-se, humedecendo os fatos e polindo os asfaltos. Pouco a pouco foi apertando, como franjas de prata a rebrilharem por entre o nevoeiro.

Jorge só deu pela chuva quando a lama fina empapada nos passeios lhe prendia os passos, como se chapinhasse num campo cheio de grude.

Despertou; e desencafuando as mãos dos bolsos, disse:

— Estou a encharcar-me. Amanhã o fato parecerá um farrapo.

Ainda a sua grande preocupação era o trajo, o porte, o medo que as aparencias denunciassem a verdade da sua miséria. Orientou-se. Estava na «Etoile». Encaminhou-se para a estação do *métro,* fechado ainda e espreitou pela escadaria que ia dar ao *hall,* toldada e acolhedora.

Na meia luz da manhã descobriu, agachadas lá em baixo, nos ultimos degraus, gentes várias, apertando-se muito umas contra as outras, numa sêde de calor.

O contacto dos vagabundos da noite, expulsos da rua pela chuva — abrigados no *Metro,* sacudiu-o e afastou-o. Rondou ainda, durante uns minutos, em volta da estação. Mas aqueles chuviscos, finos como agulhas, picavam-lhe a cara, ensopavam o sobretudo, gelavam-lhe desconsoladoramente o corpo. A agua, infiltrando-se pelas solas gastas molhava-lhe os pés — e ele bem sentia, a cada passada, um *choc-choc* enervante.

Voltou de novo, humildemente, á escadaria do *métro;* e humildemente começou a descer, degrau por degrau, até ao patamar de pedra. Todos dormiam, rostos que tinham sido corados, estrangeiros pela certa, guedelhudos, por falta de fundos, craneos saxões, craneos moscovitas, caras triangulares de latinos. Dormiam todos, num mergulho feliz no aquecimento, bôcas escancaradas, a ressonarem aos guinchos. Só um deles, moço ainda, com uma barba intensa de muitos dias, olheirento, sem colarinho, um velho fraque de gola levantada, tiritante de frio, estava especado no ultimo degrau, pernas em compasso, pupilas enormes, fitando, lá para cima, a praça deserta.

Examinou de alto a baixo o recem-chegado — e já não deixou de o olhar, como que esmolando um pouco de conversa, a confissão da miséria, a expulsão do

quarto. Esquivou-se Jorge á palestra — e de pé ficou tambem, olhando a Etoile, os Campos Elisios, cada vez mais azulados, a embeberem-se nas tintas tristes da manhã nascente.

Resistiu durante algum tempo ao esfôrço de estar de pé. Depois, o outro, o loiro, numa pronuncia que não era franceza, indagou à medo:

— Você tambem é estrangeiro?

Jorge respondeu com um monossílabo.

— De onde? — quiz saber o outro.

— De Portugal.

— Eu sou grego... Estou em Paris há oito meses.

E a seguir, precipitadamente, como se temesse a fuga daquele camarada de desgraça, começou a confessar-se, a descrever-se...

— Em Atenas era músico. Dei varios concertos. Agradei. Tive nome... Depois vim a Paris, na esperança de conquistar fama universal, fortuna e...

Jorge, escutando-o, mudo, tinha a impressão que o grego lhe estava reproduzindo a sua própria historia. O grego e ele e tantos outros — pintores, musicos, romancistas, medicos, engenheiros — sonham lá ao longe, na torre de marfim dos seus países distantes, um Paris-palco da maxima exibição, fantasiando a grande capital acolhedora e facil; pensam no dôce harem das suas mulheres; e arriscam-se, e veem; desembarcam todos os dias no *Quai d'Orsay*, na *Gare du Nord*, em *Saint Lazare*, no *Midi*, de peito inchado como gladiadores seguros da vitória. São apenas iludidos, magnetizados pelas luminosidades embruxadas do farol-Eiffel, burlados pelos clarões de Paris — e acabam quasi todos assim, doentes, esfomeados, dormindo sob as pontes ou nas escadas do *métro*.

... E o grego ia, fonograficamente, prosseguindo a sua história. E Jorge, mais á vontade, tirou um ve-

lho jornal do bôlso, atapetou com ele um degrau, sentou-se, encostando o dorso á parede.

— Não consegui dar um unico concerto, nem obter uma unica lição. São egoistas os franceses. Esquecem-se dos milhares de compatriotas que vivem no estrangeiro, protegidos pelos outros povos. Esquecem-se de que Paris vive dos estrangeiros.

As pálpebras de Jorge foram caíndo pezadas, como se em cada pestana pendesse uma esfera de chumbo. E' assim, de olhos fechados, uma milagrosa suavidade o invadiu, como morfina bemdita nas veias dum agonizante. Os membros, fatigados, a doerem-lhe por aquele *record* de vagabundagem que durara quási vinte e quatro horas, desprendiam-se dos nervos, numa dôce acalmia, como na delicia dum banho môrno.

E o grego continuava:

— Por ultimo, tentei tocar nos cafés. Que humilhação para um artista como eu! E nem assim! Ofereceram-me o lugar de creado de mesa e aceitei. Mas como era inhabil...

Jorge ía adormecendo. As palavras do grego chegavam-lhe já de muito longe. E, apezar disso, o seu ultimo pensamento foi o da evocação de um outro grego... de Koriskosso — aquele poeta de Atenas que Eça de Queiroz foi encontrar a servir num hotel de Londres, num domingo de nevoeiro e de solidão. Depois, o sono opaco fechou-o dentro dele próprio, libertando-o do suplicio de pensar.

Quando voltou a si, sentiu-se sacudido por mãos possantes. Os olhos piscos e aturdidos, pela violencia da luz mal conseguiram ver os dois policias que o cercavam. A chuva passara. O sol lambia a ouro a praça e a escadaria do Metropolitano. O grego tinha desaparecido — e sabia Deus se fôra buscar refugio nas aguas do Sena. As grades do vestíbulo estavam abertas e raparigas muito frescas, cheirando ainda a

sabonete e a agua de Colonia, iam e vinham, no inicio da labuta heroica do dia.

Os policias preguntaram-lhe:

— Que faz você aqui?

— Eu?... vinha... Sim, vinha... ía...

— E' estrangeiro?

— Sim.

— Os seus papeis?

Examinaram o passaporte e indagaram desconfiados:

— Tem casa?

— Tenho... Ora essa? Na Rua Montmartre...

Jorge, entretanto, erguera-se; cambaleara um pouco; equilibrara-se, por fim. A gabardine, o colarinho de bicos, o chapeu de coco, o proprio monóculo que, á pressa, incrustara na orbita, tranquilizaram os agentes.

Quando eles se afastaram, o pintor aprumou-se. O sol fazia-lhe bem. Animava-o... E de novo começou a sua vagabundagem sem fito, sem esperança, sem plano.

Mas depressa constatou que não podia fiar-se muito na sua resistencia. As pernas, trôpegas, mal lhe obedeciam. Os sapatos e a roupa, molhada ainda, picavam-lhe os nervos adormecidos. E o estomago doía-lhe. Era uma dor que aumentava sempre, ao mesmo tempo que uma fraqueza enorme alastrava e lhe enchia de agua as veias.

Sem saber como, encontrou-se frente ao Sena. Debruçou-se sem emoção, da balustrada da ponte. O rio tinha a lisura duma fita, duma fita azul que passasse pelos entremeios de ferro das pontes.

E Jorge pensou: — Quantos peregrinos de Paris, não tinham escondido as suas desilusões, a sua fome, a sua derrota, no fundo destas águas? Felizes dos que sabiam, a uma simples ordem da sua vontade,

evadir-se do suplicio da miseria, terminar a sua tortura... Os desgraçados como ele, incapazes de se suicidarem é que sofrem sem saber que milagre ou que morte os libertará nem quando os libertará...

— Pobres de nós, os fracos, que temem a morte mesmo quando a vida é uma agonia sem esperança!

XIV

Uma estranha atracção o levava para os *boulevards*. Mesmo naquele transe, o vencido de Paris não resistia á cidade, procurando as suas artérias mais vistosas, essencia do encantamento da grande capital. O sol aquecia, reconfortando-o. Ao passar frente a um espelho, ao ver-se reproduzido no cristal, sentiu certa vaidade por si proprio. Apezar de tudo, o casaco, o colarinho, o chapeu e o monoculo conservavam-se imaculados. Só a barba espigava, assombreando-lhe demasiado as faces. E os sapatos, enlameados, desmanchavam o conjunto da sua *toilette* imponente ainda, ao cabo de vinte e quatro horas de miseria.

— Preciso de fazer a barba!

Para quê? Não sabia. Mas a sua vaidade é que não se conformava.

Circunvagando a vista deu, lá ao fundo, com o *Grand-Hotel*. O *Grand-Hotel* é a sala de visitas de todos os estrangeiros que lá pensam ir pousar. Imenso como um trasatlantico, cheio de *halls, bars* e restaurantes, nele não existe fiscalização possivel para diferençar os hospedes e os clientes dos intrusos. Jorge já lá se pavoneara varias vezes e fizera durante muitos dias, a sua correspondencia, no escritório do Grande Hotel, com o papel timbrado da casa.

Não hesitou. Entrando pelo lado da Rua Scribe,

desceu ao lavabó; fechou-se num *Water-Closed* e lá, tranquilamente, ensaboou-se, rapou os queixos, desencascou, com a toalha, os sapatos sujos pelas lamas chapinhadas durante a madrugada.

Saíu, assobiando um fado. E se não fôsse aquela maldita dor de estômago, facilmente teria esquecido o desespêro da sua situação. Mas á medida que se aproximava a hora do almoço, a fome ía apertando, alargando o vazio dentro dele próprio, como se os orgãos se tivessem evaporado e que o seu peito e o seu ventre fôssem cofres inuteis e sem objectos a guardar.

Recomeçaram as correrias para os restaurantes — e as primeiras torturas de Jorge. Para disfarçar ía compondo mentalmente *menús* luculianos, com muitos *hors d'oeuvre,* muita carne em sangue, *rumsteck,* molhos tártaros, queijo e manteiga. E prometia a si próprio:

— Quando tornar a ter dinheiro, hei-de comer *mayonaise* de lagosta... mas ha-de ser no *Prunier*... E regada com Bordeus, *Castelot* do branco... Só no *Prunier* sabem arranjar a *mayonaise* como eu gosto.

Terminara a hora do almoço; modificara-se o movimento das ruas; substituiram-se as multidões. A's três horas, saiu do seu entorpecimento porque o chamavam. Voltou-se, brusco e assustado. Era *Monsieur de Silvá,* com uma peliça de cinco mil francos e um interminavel charuto apagado, entre os labios de mulato. Vinha sorridente e acolhedor;

— Então meu caro Jorge Anselmo, quando combinámos esse quadro? Nunca mais me procurou... Creio que não está ofendido comigo?...

— Que ideia! murmurou o pintor.

— Sabe? Venho contentissimo. Acabo de fechar um negocio de automoveis. Trezentos mil francos por ano garantidos. Mas ainda não almocei... Quer acom-

panhar-me?

A palavra almoço foi um choque electrico para os nervos do pobre Jorge. Precipitou-se num: «— Mas com muito prazer! »—... quasi revelador da sua fome.

Entraram no *Vitel*. O *maître* avisou *Monsieur de Silvá* de que, áquela hora, era dificil um bom almoço. *Silvá* encolheu os hombros e começou a confeccionar o *menú*. Ostras — mas das boas... Nada de *portugaises*... Fatias de pão com manteiga sem sal... Depois, um salmonete na grelha e môlho de tomate... hein? Um molho de tomate para ele! Galinha? Não. Que trouxesse perdiz. E para rematar, um *chateaubriant*, mas bem alto, bem suculento...

— Diz ao cozinheiro que é para mim ouviste? — para *Monsieur de Silvá!* Ele já sabe o que quere dizer!

E terminado o *menú*, voltou-se para Jorge e explicou:

— São três horas. Não o convido para me acompanhar porque, de certo, já almoçou.

A saliva que crescera na boca de Jorge, durante a evocação de todas aquelas iguarias, foi engulida dum só trago, engasgando-o, fazendo-o tossir — e dizer depois:

— Certamente, Silva. Já almoçei. Almoço sempre ao meio dia.

E não acabara a tragica basofia e já a sua consciência o maldizia:

— Bruto! Orgulhoso! Tens fome, esse homem pode saciar-te — e tu engana-lo, mentes, não confessas a verdade!

Quiz ainda contar tudo, dizer que não, que não tinha almoçado — mas a ideia de se contradizer, afligia-o. Uma covardia enorme o amordaçava.

Entretanto, *Monsieur de Silvá* começava a refeição, e ía descrevendo as maravilhas do negocio re-

cemfirmado, os trabalhos que tivera, os *trucs* de que se valera.

— Não calcula! Estes franceses são uns intrujões. Mas intrujarem-me a mim... a mim! Mais facil é o contrario. E tanto assim que...

Mas Jorge não o ouvia, não lhe prestava atenção, afundado dentro de si próprio, a discutir, a dar argumentos á sua covardia para que, ao menos pedisse cem francos emprestados áquele ricaço.

— Mas eles reconhecem a minha força. Olé se reconhecem... — continuava o comerciante.

E depois, mastigando muito devagar o salmonete, avermelhado pelo môlho de tomate, elogiava o cosinheiro:

— Está uma maravilha. O môlho então é uma delícia. Fino, com manteiga... e...

Jorge não poude mais. Teve medo duma loucura. Teve medo de estender as mãos, roubar os restos do peixe que ficara na travessa metalica e ingeri-los como um antropofago esfomeado. Ergueu-se, afogueado, com vertigens, zumbido nos ouvidos e desculpou-se:

— Mil perdões, meu caro amigo... mas não posso acompanhá-lo por mais tempo. Tenho que concluir um quadro que vae dar-me dez mil francos, pelo menos... Até á vista!

XV

Ao deixar o *restaurant*, Jorge parecia uma bala saída duma pistola. A agitação que dedilhava os seus nervos, dera-lhe uns fluidos de energia exteriorizada na elasticidade das pernas. Caminhou, rapido, veloz, quasi correndo — como se de facto um prémio de dez contos o aguardasse, ao fim da rua de S.^t Honoré.

Mas as forças não lhe apoiaram os nervos. E extinguindo-se-lhe o nervosismo, quedara-se de novo desengonçado, flacido, vazio, sonolente, com expressos ruidosos a circularem-lhe dentro do cerebro — expressos onde silvavam apitos e assopravam guinchos de dentro para fóra dos ouvidos. Lembrou-se ainda de voltar ao restaurante, improvizar uma desculpa, dizer que se esquecera da carteira em casa, pedir a *Monsieur de Silvá* cinco francos para o *taxi*.

— Com mil diabos! Isso não me fica mal...

E não ficava! O orgulho, a prosapia, o pudor, tão fortes naquele espirito acabavam por ser vencidos pelo estomago, enfraquecido, mas mais exigente do que nunca. E lá foi outra vez, St. Honoré abaixo, á busca de *Monsieur de Silvá*. Entrou no *Vitel*, disposto a tudo, por cinco francos emprestados. Os seus olhos dirigiram-se logo para a mesa onde o compatriota almoçara. Estava vazia. Os creados adornavam-na para o jantar.

— *Monsieur de Silvá? Il est deja sorti!*

O *maître* sorriu-se, num sorriso profissional, e fezlhe um salamaleque. Jorge partiu rancoroso, desesperado.

— Porque não aproveitei eu a ocasião, quando ele aqui estava? Porquê? Que tremendissimo parvo! Agora choro na cama, que é parte quente...

Na cama? E sentiu logo o corpo fricionado por um arrepio quasi sensual. Cama! Se ele pudesse agora mergulhar, afundar-se na fofidão de colchões de lã, acariciar-se com o contacto dos lençoes muito finos, sob uma pirâmide de *édredons*, num quarto de *chauffage* bem tepida...; fechar as janelas; deixar acesa uma *veilleuse* abatjourlada de verde espalhando anilinas de sonho pelo ambiente; e gozar lentamente, saboreadamente, a delicia de adormecer! Ah! Se pudesse! Se pudesse!

A fome tornara-se-lhe pesada como um bloco de chumbo. E apezar disso ele escolheria a cama de preferencia a um banquete. Entrara-lhe na alma a ânsia de não sentir, de não sofrer, de não pensar, que só o sono oferece, e que é, ao fim e ao cabo, o suicidio covarde de quem não tem coragem de se suicidar. Jorge sabia que andava, porque os seus sapatos batiam com ruido o asfalto; sabia que andava, porque os seus passos irrtmicos provocaram encontrões, cotoveladas, impaciencia; sabia que andava porque sentia furiosamente a ânsia de parar, de se deixar caír e de repousar fôsse onde fôsse... E quando este desejo se lhe impunha, imperativo e despota, ele assustava-se, escancarava os olhos, tentava vêr claro para fóra e para dentro dele próprio. Examinava a multidão compacta, arregimentada, cega de egoísmo; e temia, medroso, que, ao caír, toda aquela gente, apressada e indiferente passasse sobre ele, sem vacilar, pizando-o com os saltos, espesinhando-o, amachucando-o.

E depois, tudo se esfumava á sua frente; tendo a impressão de que a sua personalidade se duplicava, que ía outro ele ao seu lado com quem conversava ora exaltado, ora risonho, ora piegas. Ao passar frente á montra dum restaurante viu entre várias iguarias provocadoras da gula dos transeuntes, uma pálida cabeça de vitela, diademada com salsa e louros.

Os olhos da pobre guilhotinada estavam muito abertos. Tinham expressão, expressão iluminada, expressão com pensamento; expressão humana. E não refletiam angústia, cólera, ou saudade da vida. Pelo contrário. Eram cómicos, optimistas, brincalhões... E Jorge chegou a crêr que da cabeça de vitela partira, a provoca-lo, uma piscadela de palpebras, atrevida, agarotada; como se dissesse:

«— Cá estou eu para ser comida. Mas não serás tu, quem me comerá!»

Mesmo assim não parou. Andava, andava sempre, como se estivesse sobre um cabo imenso, zig-zagueando por Paris. Sub conscientemente, começou a falar, a dialogar, a responder, a desculpar-se... Mas não era, com ele; era com alguem muito querido , que o fizera parar. E desse diálogo, que durara minutos, só teve ele noção nítida, quando os seus olhos viram brilhar os cristaes de pranto no rosto de uma mulher.

— Yvonne!

Era realmente Yvonne, com o beicinho carminado a tremer, num chôro que em vão tentava sufocar. Era com Yvonne que ele discutia. Desde quando? Como a encontrára? Porque não se esquivara? Não sabia. E ao seu espirito chegavam retardatárias, as primeiras frazes!

— E' mal feito! Muito mal feito! Foi uma maldade! Se tu nada querias de mim para que vieste desassocegar a minha vida, cheia de calma e de resignação? Se pretendias apenas divertir-te, porque não fôste franco? Teria tido pena; muita pena mas não teria caído de tão alto... Não há direito, Jorge... Crê: Não há direito!

Jorge desculpava-se:

— Enganas-te, Yvonne! Tu, para mim, não serias nunca o joguete duma aventura ou de um capricho...

—Não procures desculpas... Eu bem sei... A culpada fui eu. Fui eu a culpada por que fui tola, porque fui ingénua, porque acreditei que um homem como tu podia amar uma *midinette* igual a tantas, igual ás que se dão sem exigir amor eterno...

— Se éu te amo como no primeiro dia, Yvonne!...

— Para que me mentiste? Para que mentes ainda?

Mentira? E a palavra chicoteou Jorge, atirou-o para a ribalta de si próprio:

— Que estás tu a pensar de mim?

— O que era inevitavel! Que outras mulheres mais

dignas de ti do que eu te levaram, te separaram de mim para sempre...

E abanando tristemente a cabeça, acrescentou:

— Basta olhar para a tua cara, para adivinhar a vida que tens levado. Quando tu me acompanhavas ías sempre risonho, corado, cheiravas a saude...

O pintor tranquilizou-se. Ela julgava apenas que ele lhe mentira em amor. Ignorava que ele lhe mentira no resto — nas fantasias, nos castelos, nos autos, na fortuna. Suspirou — e mais á vontade, abemolando a voz, disse:

— Yvonne... acredita-me. Se não tenho aparecido é porque as circunstancias a tal me obrigaram. E apezar disso não passa uma hora sem que sofra saudade da tua ternura... Juro-te pela alma da minha mãe!

E feito o juramento sobre o que era verdade; e ganha com o juramento a confiança da crédula Yvonne, Jorge saltou de novo para o embuste. — E afirmou:

— Sabes? Chegaram de repente uns parentes meus de Portugal — descendentes ainda de Vasco da Gama. — Sabes? De Vasco da Gama, o que descobriu a India? Pois bem: Levaram-me com eles. Acompanhei-os a Nice e depois percorri a Italia a ciceroná-los por toda a parte. Voltamos ontem a Paris e hoje de manhã partiram para a Belgica.

Pouco a pouco, como o sol após a tempestade, o sorriso, o dôce sorriso de Yvonne iluminara-lhe o rosto, humido do chôro.

— Nesse caso, estás livre?

— Absolutamente!

— Recomeçamos outra vez a nossa vida?

— Recomeçaremos...

— Vamos encontrar-nos todas as tardes para passear, para eu te ouvir as historias encantadas da tua vida de príncipe?...

—Todas as tardes e brevemente todos os dias, e a

todas as horas, porque eu tenho pressa de ver-te dentro do meu lar, para sempre, até a morte...

Yvonne deixou caír as palpebras e respirou fundo, num casto suspiro de prazer. Emergia do inferno daquelas semanas de abandono — e sentia-se de novo acalentada no tibio carinho de Jorge.

— E hoje?

Jorge pestanejou; regressou á sua própria situação e titubeando, disse:

— Hoje... Hoje, não posso acompanhar-te. Estou comprometido... Vou jantar á embaixada de Inglaterra. Mas amanhã... amanhã, á hora combinada, no sitio do costume!...

Ela ofereceu-lhe os labios. Ele beijou-a mal. E a *midinette* já a despedir-se, lamentou-se:

— Quantas lágrimas me tens custado, grande mau! Não as merecias, não. Olha; ainda esta manhã, Mr. Lebrin — o modista, o patrão, me surpreendeu a chorar sobre aqueles desenhos, tão lindos, que tu me deste na noite do nosso primeiro encontro. E ele tirou-mos e esteve a examiná-los, com oh! oh! de admiração e acabou por preguntar:

«— Quem é este artista?

«— E' um português... E' o meu noivo.

«Não calculas com que orgulho o confessei.

«E o modista declarou logo:

«— Apresenta-mo. Se eu o apanhasse para imaginar modelos como este, garantia-lhe, pelo menos, cinco mil francos por mês. E era de graça...»

Calou-se Yvonne; e o pintor olhou para o céu, como se do ceu pendessem braços agigantados e milagreiros para o arrancarem áquela miseria em que se afundava. E com alvoroço, indagou:

— E tu, Yvonne, que lhe disseste?

— Ora! Que havia eu de responder-lhe? Que tu eras rico, riquissimo; que desenhavas por capricho;

que não necessitavas de trabalhar...

Os braços que Deus lhe estendera do ceu, para o salvar, encolheram-se de novo. E Jorge, caído outra vez dentro dele proprio, murmurou, sombriamente:

— Tens razão! Sou rico, riquissimo; não necessito de trabalhar. Adeus Yvonne, até amanhã...

E ela atravessou a rua, dando pequenas corridas, para flanquear os autos da serpente interminavel. E Jorge viu-a desaparecer, airosa, gentil, a perna bem moldada, aos saltinhos elásticos; os sapatos miudos, pisando o passeio como se o passeio fosse um taboleiro de flores... E ele, especado, pernas em compasso, frente ao desfile de Paris, temeu a loucura:

— Sim. Enlouqueci. Só um louco, cheio de fome e de fadiga, deixa fugir das mãos a mulher que ama e o trabalho que o salva — por orgulho, por... por...

E não continuou. E' sua volta, autos e trens e motos e a gente, tinham improvisado grandes rodas, rodas que circulavam como *carrousels* fantásticos, cujo eixo fôsse ele. Tudo gritava, tudo berrava, tudo guinchava e ele sentia-se engulido por um alçapão, com velocidade de ascensor, que o levava para baixo, para o inferno, para o fundo dos mares, para a morte, para o «nada»...

Iria desmaiar? Iria morrer?

Não! Era moço, tinha ambições, tinha ainda, e na frente, a estrada da vida, toda ela por percorrer. Cerrou os dentes, enterrou as unhas nas palmas das mãos e gritou:

— Não! Não! Hei-de vencer-me! Não hei-de rir de mim mesmo...

E sacudiu-se. Desejava fazer-se doer, como um fanático em exagerada penitencia. Se tivesse ao seu alcance uma navalha, ter-se-hia cortado, ter-se-hia riscado de traços sangrentos... Se não temesse o escandalo teria batido com a craneo contra o poste do can-

dieiro, até não poder mais!

— Não! Não! e não!

E depois içado, guindado, empoleirado, em si próprio, desandou, reviravolteou-se e partiu, correndo, sem se esquivar aos autos — e só parou frente á casa de Yvonne. Subiu os cinco lances da escada, de olhos fechados para nada ver, para se isolar, para não se acovardar de novo. E puxou duas vezes pelo cordão de seda, rematado por um carrinho de linha, que servia de campainha.

Lá dentro havia o cantarolar fresco, cristalino, de duas vozes. Um canario gorgeava, acompanhando-as.

— Quem é?

— Abre! Sou eu... E' Jorge.

— Jorge!

Houve correrias; conciliábulos; e quando a porta se abriu, Yvonne, com a porcelana azul dos olhos a encher-se de sol, estendeu-lhe os braços, como na ilusão que ele a viesse buscar para sempre.

— Jorge!

Jorge, sem tirar o chapeu avançou mudo, atontado. A porta fechou-se. Ao fundo do corredor viu vagamente Suzette e Jeanne a espreita-lo, emocionadas. Mas já ele saltára para além de todas as covardias, de todos os pudores; e enlaçando a *midinette* no anel dos seus braços, sacudiu-a bruscamente, nas convulsões do seu chôro de homem que nunca chora. Yvonne, surpreendida, não querendo acreditar no que estava vendo, exclamou...

— Mas o que é isto, Jorge? O que foi? O que tens, meu amor?

O pintor susteve de repente o pranto, as lagrimas, os soluços. Recuou uns passos sem a desfitar. Prendeu-lhe as mãos como se temesse que as palavras que ía proferir a afugentassem. E depois, quási calmo, confessou:

— Sou um miseravel, Yvonne! Um miserável! Os castelos, os autos, as riquezas — tudo era mentira. Fui um aventureiro que vim conquistar Paris — e fiquei vencido. Ha cinco semanas que queimei a ultima nota que trouxe de Portugal. A noite passada não tive aonde dormir! Ha dois dias que não como! Estou morto de fadiga, de fome, e de sono!

E Yvonne sorria-se, feliz, como se aquela confissão dolorosa fôsse a primeira declaração de amor! O que a assustava, o que ela temia era precisamente a riqueza... Assim, pobre e desgraçado, sentia-o mais próximo, mais dela, mais ao seu lado, mais ao alcance dos seus beijos e do seu carinho.

— Pobre Jorge! Porque não fôste franco? Porque é que só agora te abres comigo.

— Perdôa-me... e tem dó de mim!

— Que mal me conheces, meu amor... Enxuga as lagrimas; beija-me; beija-me á tua vontade; beija-me como eu nunca te deixei beijar, quando te julgava rico, poderoso e feliz... Janta comigo... Janta conosco... mas olha que é fiado, hein? A um homem que vae ganhar cinco mil francos por mês pode-se-lhe dar o crédito dum jantar... E descança. O teu futuro, o nosso futuro está assegurado. Amanhã apresentar-te-hei ao patrão...

E voltando-se, chamou as amigas:

— Suzette... Jeanne... venham... venham... Jorge vae ganhar cinco mil francos por mês... Vasculhem os *porte-monnaires;* reunam economias; corram a comprar champanhe... E' preciso festejar este dia!... Não é verdade, meu amor?

FIM